

MIGRAFRON

Boletim v. 1, n. 2, jul-dez, 2025

MIGRAFRON

Boletim v. 1, n. 2, jul-dez, 2025



Instagram: @migrafron



BOLETIM MIGRAFRON é uma publicação periódica do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal.

Editores

Patricia Teixeira Tavano – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN), Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (MIGRAFRON)

Marco Aurélio Machado de Oliveira – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN), Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (MIGRAFRON)

Editores Convidados

Diego Noel Ramos Rojas - Universidad de Guadalajara (México)

Gabriel Alberto Moreno Esparza - Northumbria University (Reino Unido)

Conselho Editorial

Alexandre dos Santos Cunha – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA)

Carlo Henrique Golin – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN)

César Augusto da Silva - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Faculdade de Direito (UFMS/FADIR); Cátedra Sérgio Vieira de Mello

Diego Noel Ramos Rojas - Universidad de Guadalajara (México)

Duval Fernandes – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MINAS)

Edgar Aparecido da Costa – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal

Flavia Wegrzyn Magrinelli Martinez - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Faculdade de Educação (UFMS/FAED)

Gabriel Alberto Moreno Esparza - Northumbria University (Reino Unido)

Hermes Moreira Jr – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

João Carlos Jarochinski Silva – Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Leonardo Cavalcanti – Universidade de Brasília (UnB); Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA)

Márcia Regina do Nascimento Sambugari – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Pantanal (UFMS/CPAN)

Maria Aparecida Webber – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Nayara Belle - Frente Nacional pela Saúde de Migrantes (FENAMI); Observatório Saúde e Migração (OSM/UFSCar)

Sérgio Prieto Díaz - Colegio de la Frontera Sur (México)

Suzana Vinícia Mancilla Barreda - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (UFMS/FAALC)

Arte da Capa: Gilberto Xavier Loio

Os conteúdos são de inteira responsabilidade dos autores e não representam necessariamente o ponto de vista da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul ou do seu Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços

Corumbá/MS - Brasil

2025

Conteúdo

Editorial

Reforçando um compromisso - Editorial	04
Patricia Teixeira Tavano	
Marco Aurélio Machado de Oliveira	

Horizontes más allá del déficit en la movilidad humana – Editores Convidados	06
Gabriel Moreno-Esparza	
Diego Noel Ramos Rojos	

Debates e Conjunturas

A “crise dos refugiados” uma década depois: uma análise sobre a relevância dos <i>Integrationskurse</i> na política de integração alemã	12
Amanda Malerba	

Los influencers migrantes y sus dinámicas de interacción con las audiencias: entre las relaciones parasociales y los usos y gratificaciones en las plataformas digitales	18
Ernesto Navarro López	

From hardship to hope: stories of resilience among syrian refugees in Germany	25
Shaden Sabouni	

Falares Migrantes

Entre a fronteira e a sala de aula: formação docente e acolhimento de estudantes imigrantes em Dourados (MS)	31
Rosana Irani Daza de Garcia	

Notas de Pesquisa

Educação em contextos multiculturais: vivências docentes com estudantes migrantes internacionais em Campo Grande, MS.	34
Alessandra Alves Ferreira	
Linoel de Jesus Leal Ordoñez	

Entre fronteiras e vivências: mobilidade e sofrimento de migrantes pendulares em Corumbá (MS)	40
Isadora Sigarini de Moraes	
Marco Aurélio Machado de Oliveira	
Vanessa Catherina Neumann Figueiredo	

Indicação de Leitura

<i>Infâncias Migrantes e Refugiadas: acolher com arte e educação</i>	47
Luciana Hartmann	
Izabella Mendonça Formiga do Nascimento	

Migração na literatura para a infância: narrativas do deslocamento em <i>Um Lençol de Infinitos Fios</i>	51
Tarissa Marques Rodrigues dos Santos	

Normas de Publicação

Para os autores	57
-----------------	----

Reforçando um compromisso

Editorial

Chegamos ao número 2 do **BOLETIM MIGRAFRON**, um canal de divulgação do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (**MIGRAFRON**) e de seus parceiros, que nasce da proposta de abrir um espaço para a apresentação de ideias, discussões, pesquisas que tratem da migração e da fronteira de forma sensível e humana.

Sem excluir as preocupações – válidas – sobre a legalidade e legalização, a proteção do território e divisas, a garantia dos direitos dos nacionais e dos Estados, mas que também tragam a humanização destes sujeitos que se deslocam em busca de outras possibilidades e realizações; das mulheres, crianças e famílias inteiras que se jogam nessa empreitada de migrar para um novo território e que, maior parte das vezes, não conhecem a língua do novo local, não têm rede de apoio, não sabem o que encontrarão, e sujeitam-se a todo o tipo de violência em prol de uma esperança de melhoria das condições que enfrentam em seus países de origem. Falamos também de direitos, o direito ao deslocamento, à busca por melhores condições para a vida, que não sejam apenas sobreviver, mas viver. Dos enfrentamentos diários e superações contínuas de dificuldades, preconceitos, agruras físicas, emocionais e familiares, que acompanham parte expressiva dos migrantes, sem deixar de exaltar a beleza de suas histórias, de suas realizações e de suas produções.

O **BOLETIM MIGRAFRON** é espaço para o diverso, que se traduz em vozes, textos, manifestações, mas também compromisso por divulgar informações que somem e ao mesmo tempo rompam com estereótipos e preconceitos, e que, em certa medida, questionem a lógica do trato com a migração exclusivamente a partir da garantia da soberania nacional, e proponham a humanização dessa movimentação entre fronteiras.

E é por isso que neste número inauguramos uma nova sessão, chamada “Falares Migrantes”, que abre espaço para relatos e comunicações sobre a experiência migratória e fronteiriça, na voz e palavra do próprio migrante. E quem inaugura essa sessão é Rosana Irani Daza de Garcia, mulher, mãe, venezuelana, atualmente residente em Dourados (Mato Grosso do Sul), trazendo uma experiência/ação sobre a educação de crianças migrantes.

Neste número 2, temos dois editores convidados, parceiros do **MIGRAFRON** que aceitaram construir conosco este número.

O professor **Gabriel Moreno-Esparza** possui diversas publicações sobre a temática migratória. Indicamos, por exemplo, o capítulo “The use of hybrid media in the May 2024 local elections and after”, que compõe o livro “General Election 2024: The Media and the Messengers”, organizado por John Mair, John Ryley, Andrew Beck, e publicado pela Mair Golden Moments.

Ou ainda o artigo de 2024 “Visualizing simultaneity in diasporic public spheres: the case of the Mexican diaspora in the US”, em coautoria com Rosa Angélica Martínez Téllez, publicado pelo JOMEC Journal. e que pode ser acessado em: <https://orca.cardiff.ac.uk/id/eprint/103217/1/459-1871-2-PB.pdf>

Gabriel Moreno-Esparza, é professor e pesquisador da Northumbria University (Reino Unido), tem se dedicado à compreensão da produção e circulação de discursos públicos que envolvem questões das economias híbridas, polimídia e migração internacional. **Diego Noel Ramos Rojas**, é professor e pesquisador da Universidad de Guadalajara (México) e tem discutido a produção midiática com foco nas questões migratórias.

Sob a editoria deles, trazemos este número composto por três artigos internacionais na sessão “Debates e Conjunturas” que nos levam a olhar para a Alemanha que acolheu migrantes e como isso ocorreu, nos textos de Amanda Malerba e Shaden Sabouni, e também para a participação de migrantes na Internet, através da discussão de Ernesto Navarro.

Também compõem este número, os relatos de pesquisa de Alessandra Alves Ferreira e Linoel de Jesus Leal Ordoñez, que trazem uma experiência com migrantes em escolas públicas; e de Isadora Sigarini de Moraes, Marco Aurélio Machado de Oliveira e Vanessa Catherina Neumann Figueiredo que falam do sofrimento de migrantes pendulares em fronteira.

Fechando o número temos duas indicações de leitura que priorizam a infância. O livro “Infâncias Migrantes e Refugiadas: acolher com arte e educação”, apresentado por Luciana Hartmann e Izabella Mendonça Formiga do Nascimento, dimensiona a infância que migra sob novas cores e lentes. E o livro “Um Lençol de Infinitos Fios”, apresentado por Tarissa Marques Rodrigues dos Santos dá voz à infância migrante.

Agradecemos a parceria com os professores Gabriel Moreno-Esparza e Diego Noel Ramos Rojas, que muito engrandecem nosso BOLETIM e reforçam o compromisso com a humanização da migração.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Patricia Teixeira Tavano

Marco Aurélio Machado de Oliveira

Jul/Dez, 2025

O professor **Diego Noel Ramos Rojas** também possui diversas publicações sobre a temática migratória. Indicamos, por exemplo, o artigo de 2022 “Pandemia, seguridad humana y migración: gestión de la movilidad humana desde México”, em coautoria com Rafael-Alonso Hernández-López, publicado pela Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad, e que pode ser acessado em: <http://scielo.senescyt.gob.ec/pdf/urvio/n32/1390-4299-urvio-32-00027.pdf>

Ou ainda o artigo de 2020 “La triple fronterapropuesta conceptual para explicar las dinámicas de la región fronteriza entre México y Guatemala”, publicado na Cuadernos Intercambio sobre Centroamérica y el Caribe, e que pode ser acessado pelo link: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7902515>

Horizontes más allá del déficit en la movilidad humana

Editores Convidados

Gabriel Moreno-Esparza

Northumbria University (Reino Unido)

Diego Noel Ramos Rojas

Universidad de Guadalajara (México)

Diego Ramos Rojas y yo comenzamos a planear esta entrega del boletín a mediados de 2025, en un momento cuando el sufrimiento de las personas que migran por causas ajenas a su control (violencia, crisis climáticas y desempleo) resultaba imposible de ignorar. Lo sigue siendo. Sin embargo, tanto en nuestras experiencias personales como en el conocimiento acumulado a través de nuestra trayectoria e interacción con una vasta red de activistas y académicos, nos ha quedado claro que la migración es mucho más que una crónica de vulnerabilidad. Esta convicción fue alimentada por el tiempo que Ramos Rojas dedicó al voluntariado en la organización de defensa de derechos humanos FM4 Paso Libre en la ciudad de Guadalajara. Este espacio ofreció durante años resguardo, alimento, y la posibilidad de asearse a personas migrantes en tránsito por México. Ahí fue posible constatar no sólo la urgencia humanitaria de la movilidad contemporánea, sino la generosidad de personas que desde distintas edades, escolaridad y grupos sociales, convergían con el propósito común de cuidado. En ese cruce entre la hospitalidad y el tránsito se tejieron lazos de gratitud y amistad que trascendían fronteras y nacionalidades. La pareja de San Bernardino, California, que contribuyó al estudio doctoral de Moreno Esparza, formado por una madre mexicana y un padre nicaragüense que, tras formar un hogar con hijos biológicos, abrieron sus puertas a niños abandonados a través del sistema de adopción, es un testimonio vivo del poder transformador de la migración. En ese hogar, donde niños de diversas raíces crecieron bajo el mismo manto de cuidado, aprendí que la “familia” no es una unidad estática determinada por accidentes biológicos, sino una geografía de afectos construida mediante trayectorias de experiencias y humanidad. Esta capacidad de tejer redes de cuidado trasciende fronteras. Otra estampa paralela es la de ingenieros taiwaneses en Silicon Valley como Miin Wu, quien tras años de formación en el extranjero regresó para fundar Macronix en Taiwán, manteniendo operaciones de investigación en California (Saxenian, 2002). Más que cargas al erario público, fuga de cerebros o emisores de remesas (Nyberg Sørensen, 2012), la migración es una circulación afectiva y de saberes que construye puentes de carne y hueso que nos entrelazan planetariamente.

Desde una perspectiva no deficitaria, podemos ver más allá de la narrativa del migrante como problema. La evidencia actual es contundente. En los Estados Unidos, el 46% de las 500 mayores empresas en 2024 fueron fundadas por inmigrantes o sus hijos (American Immigration Council, 2024). En Colombia, la regularización de migrantes venezolanos generó aportes fiscales de más de 529 millones de dólares en el 2022 (1.9% del ingreso tributario total) (Reith et al., 2024), ilustrando un caso visible de migración forzada reciente que ha tenido un efecto nulo en el desplazamiento de trabajadores locales (Bahar, Ibañez & Rozo, 2021). A nivel social, el contacto con vecinos inmigrantes en barrios diversos ha demostrado reducir el prejuicio y aumentar la empatía en las poblaciones nativas (Albrecht et al., 2020; Bursztyn et al., 2021; Achard et al., 2024). Visualizar estos fenómenos no anula la realidad de actitudes xenófobas extremas cuyas manifestaciones requieren un análisis matizado (e.g., Fremerey, Hörnig & Schaffner, 2024) y atento a factores culturales (Alesina & Tabellini, 2022).

Este segundo número del boletín es una invitación a dismantelar el “espectáculo de la ilegalidad” que criminaliza la movilidad y contribuye a la subyugación simbólica y material de la persona migrante (De Genova, 2013). Es un llamado a ver la migración como más que un problema de seguridad. Para esto, los políticos y su populismo en el norte global se pintan solos (Nyberg Sørensen, 2012), lo que les permite hacer la vista gorda a la deuda histórica con grupos originarios y descendientes de la esclavitud que han sido orillados a la periferia (Nesiah, 2022), ya sea como ciudadanos de segunda clase o como fuerza laboral indocumentada (Lung, 2019; Taylor & Foster, 2015). Nuestro llamado es a rescatar la discusión pública e intelectual de la migración desde un encuadre de transformación social que demanda dignidad y derechos, que genera un bien social profundo y una renovación necesaria para las naciones que enfrentan el estancamiento demográfico y cultural.

Aunque proponer una perspectiva no deficitaria sobre la migración podría verse como indiferente a la crudeza de las fronteras, nuestra entrega nace del deseo de recuperar un paradigma de la migración como motor evolutivo (Ibrahim Rizvi, 2022) que permitió a nuestra especie transitar de formas de existencia aisladas a civilizaciones interconectadas que, idealmente, valoran la vida y la trascendencia de nuestras formas más primitivas (Viliani Bell, 2023). Este potencial humano se ve hoy amenazado por estructuras de poder que criminalizan el movimiento de personas. La configuración del Estado-nación, una figura con cerca de 400 años de vida desde la llamada Paz de Westfalia (Farr, 2005), ha sido el instrumento de organización territorial (Czajka, 2015) que demanda homogeneidad y determina quién “pertenece” en suelo nacional (Castles & Davidson, 2000). No obstante, la historia nos recuerda que estas naciones son, en realidad, productos del encuentro, del mestizaje, las guerras y las constantes transformaciones étnicas y lingüísticas que han dado lugar a una población global de más de 8 mil millones de habitantes.

Mientras que los migrantes internacionales hoy en día son apenas el 3.4% de la población mundial (United Nations, 2024) destaca su desproporcionada contribución de alrededor del 10% del PIB mundial (Woetzel et al., 2016; Morgan Stanley, 2025). En las últimas tres décadas, la formación de circuitos migratorios ha consolidado un sistema donde las remesas, que alcanzaron los 656 mil millones de dólares hacia países de ingresos

medios y bajos en 2023, superan la inversión extranjera directa y la ayuda oficial al desarrollo (World Bank, 2024). Es indispensable, sin embargo, reconocer que estos circuitos de actividad humana son de una relevancia que trasciende lo económico mediante contribuciones sociales y culturales que transforman tanto países de origen como de destino (Levitt & Lambda-Nieves, 2010; Lacroix, Levitt & Vari-Lavoisier, 2016); son el resultado de los mismos movimientos de exploración y colonización que alimentaron la consolidación del sistema internacional actual.

Los contenidos de esta entrega

Las contribuciones reunidas en este número contemplan, desde múltiples registros y geografías, el horizonte no deficitario sugerido en esta introducción. Podemos apreciar en estos textos un examen de la movilidad humana como proceso histórico, institucional, afectivo y simbólico. El potencial transformador está siempre presente, a pesar de los retos y las tensiones. La entrega de Amanda Malerba pone en perspectiva lo que el público en Alemania a menudo retrató cómo la “crisis de los refugiados”, en un texto analítico de los cursos de integración gubernamentales. Mediante el contraste de cifras el texto invita a pensar la integración como proceso sostenido en el tiempo y en el que instituciones varias median entre el aprendizaje lingüístico, cívico y laboral, revelando dinámicas invisibles al paradigma de asimilación. Entretejiendo un diálogo en el mismo contexto, Shaden Sabouni nos ofrece el relato de la trayectoria de Naya, cuyo nombre fue modificado para proteger su anonimato. El enfoque en la joven siria y su familia narra las fricciones que familias con altos niveles educativos y económicos encuentran al enfrentar burocracias que estigmatizan la situación de refugio. Así, la autora hace visibles las capas de sacrificio, negociación y fortaleza que alimentan las trayectorias de reconstrucción de proyectos de vida en nuevos contextos nacionales. La contribución sobre los influencers migrantes de Ernesto Navarro López ofrece un ensayo que arma una propuesta teórico-conceptual ilustrada por la trayectoria de migración en tránsito de un joven venezolano en la red social TikTok. Empleando el aparato conceptual de los usos y gratificaciones adaptados a la comunicación digital, el autor nos plantea una serie de usos y gratificaciones derivado de las relaciones parasociales entre productores y usuarios de contenidos. Así, el migrante deja de ser objeto de representación mediática para convertirse en nodo informativo y referente comunitario. Así, las redes sociales adoptan la forma de espacios de circulación de saberes sobre rutas, riesgos, estrategias y expectativas, en lugar de reproducir el ‘espectáculo de ilegalidad’ que suele venir de medios informativos tradicionales.

Después de estas perspectivas, Además de “Debates e Conjunturas”, este número del boletín invita a recorrer otros dos apartados que amplían el panorama del dossier: “Notas de Pesquisa”, orientada a socializar avances, hallazgos o apuntes de investigación en curso, nos llevan hacia los complejos contextos de interculturalidad de estudiantes internacionales y de trabajadores informales de Bolivia en Corumbá, en el

medio sureste de Brasil. El número cierra con las reseñas de los libros *Infâncias migrantes e refugiadas: acolher com arte e educação* y *Um lençol de infinitos fios*. Creemos que, en conjunto, la serie de materiales incluidas en este boletín trazan una cartografía multidimensional de la migración contemporánea: de trayectorias de vida, instituciones, espacios digitales, fronterizos, escolares, laborales y literarios que nos permiten comprender la migración desde perspectivas que rebasan el dominante enfoque deficitario.

Lista de referencias

- American Immigration Council. (2024). *New American Fortune 500 in 2024: The Largest American Companies and Their Immigrant Roots*. Washington, DC.
<https://www.americanimmigrationcouncil.org/report/new-american-fortune-500-2024/>
- Achard, P., Albrecht, S., Ghidoni, R., Cettolin, E., & Suetens, S. (2025). Local exposure to refugees changed attitudes to ethnic minorities in the Netherlands. *The Economic Journal*, 135(667), 808-837. <https://doi.org/10.1093/ej/ueae080>
- Albrecht, S., Ghidoni, R., Cettolin, E., & Suetens, S. (2020). Exposure to ethnic minorities changes attitudes to them. European Commission. <https://www.tse-fr.eu/sites/default/files/TSE/documents/sem2020/bid/suetens.pdf>
- Alesina, A., & Tabellini, M. (2022). The political effects of immigration: Culture or economics? Online paper. <https://dash.harvard.edu/server/api/core/bitstreams/893ebbb60-d813-434b-8ca4-8bb70f4d597c/content>
- Bahar, D., Ibáñez, A. M. & Roza, S. V. (2021). Give me your tired and your poor: Impact of a large-scale amnesty program for undocumented refugees. *Journal of Development Economics*, 151. <https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2021.102652>
- Bursztyn, L., Chaney, T., Hassan, T. A. & Rao, A. (2022). The immigrant next door: Long-term contact, generosity, and prejudice. University of Chicago, Becker Friedman Institute for Economics, Working Paper 2021-16. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3781974>
- Castles, S. & Davidson, A. (2000). *Citizenship and migration: Globalization and the politics of belonging*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003061595>
- Czajka, A. (2015). Migration in the age of the nation-state: Migrants, refugees, and the national order of things. *Alternatives: Global, Local, Political*, 39(3), 151-163. <https://doi.org/10.1177/0304375415570453>
- De Genova, N. (2013). Spectacles of migrant 'illegality': The scene of exclusion, the obscene of inclusion. *Ethnica and Racial Studies*, 36(7), 1180-1198. <https://doi.org/10.1080/01419870.2013.783710>
- Farr, J. (2005). Point: The Westphalia legacy and the modern nation-state. *International Social Science Review*, 80(3/4), 156-159. <https://www.jstor.org/stable/i40088601>

- Fremerey, M., Hörnig, L., & Schaffner, S. (2024). Becoming neighbors with refugees and voting for the far-right? The impact of refugee inflows at the small-scale level. *Labour Economics*, 86. <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2023.102467>
- Ibrahim Rizvi, S. (2022). Evolutionary forces and human migration: How Sapiens conquered the world. In: Siddiqui, A.R., Sahay, A. (eds) *Climate Change, Disaster and Adaptations. Sustainable Development Goals Series*. Springer, https://doi.org/10.1007/978-3-030-91010-5_15
- Lacroix, T., Levitt, P., & Vari-Lavoisier, I. (2016). Social remittances and the changing transnational political landscape. *Comparative Migration Studies* 4(16), 1-5. <https://doi.org/10.1186/s40878-016-0032-0>
- Levitt, P., & Lamba-Nieves, D. (2010). Social remittances revisited. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 37(1): 1-22. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2011.521361>
- Lung, S. (2019). Criminalizing work and non-work: The disciplining of immigrant and African American workers. *UMass Law Review*, 14(2), 290-349.
- Morgan Stanley. (2025, February 5). Global migration: Trends and economic impact. <https://www.morganstanley.com/insights/articles/global-migration-economic-impact-trends>
- Nesiah, V. (2022). A double take on debt: Reparations claims and regimes of visibility in politics of refusal. *Osgoode Hall Law Journal*, 59(1), 153-188.
- Nyberg Sørensen, N. (2012). Revisiting the migration-development nexus: From social networks and remittances to markets for migration control. *International Migration*, 50(3), 61-76. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.2012.00753.x>
- Reith, S., Llorente, M. V., Beltrand, D., Medina, F. (2024). Estudio de impacto fiscal de la migración venezolana en Colombia: Realidad vs. potencial. Enero, 2024. Konrad Adenauer Stiftung/International Organization for Migration. https://lac.iom.int/sites/g/files/tmzbdl2601/files/documents/2024-07/informe-final_vf.pdf
- Saxenian, A. (2002). Brain Circulation: How High-Skill Immigration Makes Everyone Better Off. Brookings, <https://www.brookings.edu/articles/brain-circulation-how-high-skill-immigration-makes-everyone-better-off/>
- Taylor, A., Foster, J. Migrant Workers and the Problem of Social Cohesion in Canada. *Int. Migration & Integration* 16, 153–172 (2015). <https://doi.org/10.1007/s12134-014-0323-y>
- United Nations (2024). International Migration Stock 2024: Key facts and figures. UN Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 13. <https://www.un.org/development/desa/pd/content/international-migrant-stock>
- Woetzel, D., Madgavkar, A., Rifai, K., Mattern, F., Bughin, J., Manyika, J., Elmasry, T., Di Lodovico, A., & Hasyagar, A. (2016, November 30). Global migration's impact and opportunity. McKinsey & Company. <https://www.mckinsey.com/featured-insights/employment-and-growth/global-migrations-impact-and-opportunity>

World Bank. (2024). Remittances slowed in 2023, expected to grow faster in 2024 (Migration and Development Brief 40).

<https://www.worldbank.org/en/topic/migration/brief/remittances-knomad>

A “crise dos refugiados” uma década depois:

uma análise sobre a relevância dos *Integrationskurse* na política de integração alemã

Debates e Conjunturas

Amanda Malerba

Universität Hildesheim (Alemanha)

No ano de 2015, a Alemanha tornou-se um dos principais destinos europeus para pessoas que buscavam refúgio diante da guerra civil na Síria e de outros contextos de violência no Oriente Médio, na África e na Ásia. Estima-se que mais de um milhão de refugiados tenham chegado ao país naquele ano (BAMF, 2016), configurando o que ficou conhecido como a “crise dos refugiados”, um termo rapidamente consolidado e popularizado no debate público e midiático, o que teria possivelmente colaborado com a perspectiva de que o deslocamento humano representaria uma ameaça às estruturas sociais, econômicas e políticas alemãs. Ademais, foi também em 2015 que a então chanceler Angela Merkel pronunciou seu engajamento com a causa: *Wir schaffen das* [Nós damos conta] (Deutsche Welle, 2025). Mais do que a frase em si, tal postura tornou-se um símbolo da disposição do governo alemão ao acolher mais refugiados que qualquer outro país europeu, ainda que cercado por críticas internas e externas.

Em 2025, o canal *Deutsche Welle* fez uma reportagem especial de 10 anos da chamada “crise dos refugiados”, que pode ser acessado em:

<https://www.dw.com/pt-br/a-alemanha-10-anos-ap%C3%B3s-a-crise-dos-refugiados/a-73811878>

Passados dez anos, a distância histórica permite avaliar em que medida o que foi descrito como crise transformou-se em um processo de integração social. Dados recentes sobre a inserção dos refugiados no mercado de trabalho indicam que a integração na Alemanha teria ocorrido de forma gradual. Segundo o levantamento mais recente conduzido pelo IAB-BAMF-SOEP (2023), mais da metade dos refugiados encontrava-se empregada após seis anos de residência, percentual que se eleva no sétimo ano, sugerindo a consolidação progressiva de vínculos sociais e econômicos.

Este trabalho busca refletir sobre o balanço da década que se seguiu à recepção de 2015, destacando os chamados *Integrationskurse*, isto é, cursos de integração promovidos pelo Departamento Federal de Migração e Refugiados (*Bundesamt für Migration und Flüchtlinge* – BAMF). Espera-se argumentar que tais programas, ao articularem o ensino da língua alemã a conteúdos cívicos e culturais, constituíram um dos pilares do processo de inserção social, econômica e política dos recém-chegados. Nesse

sentido, a análise parte da experiência alemã para refletir como a migração revelou-se vetor de transformação e de enriquecimento coletivo, contribuindo para repensar narrativas contemporâneas sobre deslocamento humano.

Integrationskurse

Sob coordenação do BAMF, os *Integrationskurse* estão entre os principais instrumentos da política alemã de integração de migrantes e refugiados. Seu objetivo central é promover a inserção linguística, social e cívica das pessoas recém-chegadas, a fim de favorecer sua autonomia e participação ativa, isto é, sua integração na sociedade alemã. O programa é composto por dois módulos complementares: o curso de língua alemã, que visa ao domínio funcional do idioma até o nível B1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR), e o curso de orientação, voltado à transmissão de conhecimentos sobre a ordem jurídica, a história, a cultura e os valores democráticos

A *Volkshochschule* (VHS) é a rede de escolas de educação de adultos responsável pela maior parte da oferta de cursos que compõem os *Integrationskurse*. Na página da VHS, estão disponíveis mais informações:

https://www.volkshochschule.de/verbandswelt/programmbereiche/sprache_und_integration/integration-sprachlich-und-berufsbezogen.php

fundamentais da Alemanha (BAMF, 2024a), no qual os alunos aprendem não apenas sobre a constituição alemã, mas também sobre como acessar determinados serviços, desde *sites* de agências de emprego até os números de telefone de emergência. Segundo a descrição do programa, a combinação entre aprendizado linguístico e formação cívica busca não apenas preparar os participantes para a vida cotidiana e o

mercado de trabalho, mas também fomentar a compreensão intercultural e o sentimento de pertencimento comunitário.

De acordo com o portal oficial do Governo Federal da Alemanha (Make it in Germany, 2025), tais cursos são oferecidos por mais de 1.600 escolas locais de idiomas, o que garante sua ampla disponibilidade em todo o território nacional. Os cidadãos de países não pertencentes à União Europeia devem dirigir-se ao *Ausländerbehörde*, a autoridade local de imigração, responsável por emitir uma autorização necessária para a matrícula no curso. Já os cidadãos da União Europeia podem solicitar o ingresso diretamente junto ao BAMF.

Antes do início das aulas, os participantes realizam um teste de nivelamento destinado a identificar seu grau de proficiência em alemão e a adequação a cursos específicos, como os voltados à alfabetização ou a grupos com necessidades particulares. Embora o curso geral compreenda 700 unidades de aula de 45 minutos cada, existem modalidades alternativas, intensivas, reduzidas ou ampliadas até 1.000 unidades, que se ajustam ao perfil e à disponibilidade dos participantes, para atender trabalhadores, pais com filhos pequenos ou outros grupos com restrições de horário.

Em especial, a modalidade *Elternkurs* (“curso para pais”), é voltada para pais e mães imigrantes e refugiados que buscam compreender o sistema de ensino de seus filhos enquanto aprendem alemão. Em tal curso, os alunos são convidados a conhecer as escolas e os professores de seus filhos com o intermédio e o auxílio do ministrante do *Elternkurs*, o que, de acordo com a página oficial do curso, contribui para que os pais, cientes das possibilidades e alternativas, possam tomar boas decisões educacionais para seus filhos no futuro (BAMF, 2025). A flexibilidade e a diversidade dos *Integrationskurse* permitem atender tanto refugiados e imigrantes recém-chegados quanto estrangeiros residentes de longa duração que buscam formalizar sua integração linguística e social (BAMF, 2024b). No entanto, é importante salientar que tais cursos tendem a beneficiar mais estudantes com maior grau de escolaridade ou com mais disponibilidade de tempo (BRÜCKER; JASCHKE; KOSYAKOVA, 2019).

O acesso aos *Integrationskurse* é regulado por critérios administrativos específicos, de modo que a participação gratuita ou subsidiada depende da situação legal e socioeconômica do candidato. Em geral, os custos são parcialmente cobertos pelo Estado, e os participantes que concluem o curso em até dois anos após a admissão podem solicitar o reembolso de metade do valor do curso, o que reforça o caráter inclusivo e incentivador da política pública de integração (BAMF, 2024a). A conclusão bem-sucedida exige aprovação em duas avaliações: o *Deutsch-Test für Zuwanderer* (“Teste de Alemão para Imigrantes”), que certifica o nível linguístico B1, e o exame *Leben in Deutschland* (“Viver na Alemanha”), que verifica a apreensão dos conteúdos cívicos.

Integração linguística e mercado de trabalho

O domínio da língua do país de destino é considerado uma competência-chave para integração e participação social de imigrantes e refugiados, facilitando a socialização e o acesso à educação ou ao mercado de trabalho (HOMRIGHAUSEN et al., 2021). A possibilidade de participar de processos seletivos e obter empregos com melhores remunerações seria um dos principais fatores que impulsionam estrangeiros a procurarem cursos de língua alemã, consolidando os *Integrationskurse* como instrumentos essenciais no investimento em políticas públicas de integração. Por tratar-se de cursos com grande carga horária, a intensa frequência necessária teria favorecido que muitos refugiados obtivessem certificações linguísticas, condição indispensável para a naturalização e para o acesso a determinadas áreas do mercado de trabalho.

O levantamento mais recente sobre a situação dos refugiados na Alemanha no mercado de trabalho, conduzido pelo IAB-BAMF-SOEP (2023), evidencia tendências relevantes de integração no país. De acordo com o estudo, 54% dos refugiados conseguiram inserção laboral dentro de seis anos, percentual que se eleva para 62% após sete anos de residência. Outro dado significativo seria que 70% dos refugiados empregados ocupam cargos qualificados, demonstrando sua capacidade de contribuir substancialmente para a força de trabalho alemã. No entanto, 41% desempenham funções

abaixo de seu nível de qualificação, o que poderia ser compreendido como um reflexo dos desafios persistentes relacionados ao reconhecimento de diplomas e qualificações obtidas no exterior. Ademais, o estudo também evidencia diferenças de gênero marcantes, uma vez que há 67% dos homens refugiados empregados em seis anos, em contraste com 23% das mulheres, situação atribuída, pelo estudo, a desigualdades no investimento em aquisição da língua e educação, a responsabilidades familiares e a distintos antecedentes educacionais nos países de origem.

Da crise à cidadania: panorama dos últimos 10 anos

A naturalização, uma das etapas mais significativas do processo de integração de migrantes e refugiados, representaria não apenas a obtenção de direitos políticos e de residência estável, mas também o reconhecimento jurídico e simbólico de pertencimento à comunidade nacional. Na Alemanha, o acesso à cidadania tem sido historicamente pautado por critérios rigorosos de integração cultural e socioeconômica, com ênfase na comprovação de proficiência linguística. Até 2024, exigia-se (Asylum in Europe, 2025).:

- o mínimo de oito anos de residência legal, o qual foi reduzido para cinco anos com a reforma da lei de cidadania;
- o ausência de condenações penais;
- o comprovação de meios de subsistência;
- o apresentação de certificado de alemão em nível B1;
- o aprovação em um teste de conhecimentos cívicos.

Percebe-se como as certificações da língua alemã e dos conhecimentos cívicos podem ser obtidas através dos *Integrationskurse*, o que evidenciaria sua função de dispositivo estruturante nas trajetórias de naturalização.

O idioma, portanto, atua como um marcador central de elegibilidade, reafirmando a ideia de que a cidadania não é apenas um estatuto jurídico, mas a culminação de um percurso de socialização linguística e cultural. Os dados recentes evidenciam uma ampliação expressiva do número de estrangeiros e refugiados que alcançaram esse *status*. Apenas em 2023, foram naturalizadas 200.095 pessoas, o maior número já registrado, representando um crescimento de 19% em relação ao ano anterior (Asylum in Europe, 2025). Desde 2016, aproximadamente 414.000 indivíduos provenientes dos oito principais países de origem mais comuns dos requerentes de asilo (Afeganistão, Paquistão, Irã, Iraque, Síria, Somália, Eritreia e Nigéria) obtiveram a cidadania alemã. Tal evolução estatística demonstra de que maneira, ainda que o processo continue altamente seletivo, as vias de integração institucional – especialmente aquelas mediadas pela proficiência linguística – têm se mostrado efetivas na promoção de inclusão formal.

Conclusão

A análise da experiência alemã ao longo da última década revela que a resposta à chamada “crise dos refugiados” não se limitou à contenção emergencial, mas buscou converter-se em um processo institucionalizado de integração social. Em tal trajetória, os *Integrationskurse* desempenharam papel significativo ao estabelecerem uma conexão direta entre aprendizagem linguística, formação cívica, acesso a serviços públicos e o exercício de direitos civis, como trabalho e naturalização.

Longe de funcionarem apenas como cursos instrumentais, os *Integrationskurse* podem ser compreendidos como dispositivos estruturantes de cidadania gradual, no qual a proficiência em alemão opera como um meio para o pertencimento reconhecido tanto pelo Estado quanto pela sociedade, conforme pode ser observado nos indicadores relativos à inserção laboral e à naturalização. Desta forma, pode-se entender que a integração é viável quando apoiada por políticas públicas consistentes e de longo prazo, ainda que marcada por desigualdades persistentes, sobretudo em termos de gênero e reconhecimento de qualificações.

Em perspectiva mais ampla, o caso alemão indica que a migração não representa necessariamente uma ruptura com a ordem social, mas pode atuar como força reconfiguradora das instituições e das narrativas nacionais. A integração bem-sucedida não seria resultado apenas do esforço individual dos recém-chegados, mas de um arranjo político que reconhece a interdependência entre acolhimento, educação e participação cívica. O desafio que se impõe para os próximos anos consiste em aprofundar os mecanismos de inclusão, especialmente para mulheres, famílias e grupos com menor capital educacional, a fim de garantir que a atitude apresentada em 2015 – *Wir schaffen das!* – possa consolidar-se como política de Estado voltada à construção de uma cidadania plural e efetivamente acessível.

Referências

- Asylum in Europe. Naturalisation – Germany. Disponível em: <https://asylumineurope.org/reports/country/germany/content-international-protection/status-and-residence/naturalisation/> . Acesso em: 8 out. 2025.
- BAMF. Migrationsbericht 2015: Zentrale Ergebnisse. Nürnberg: BAMF, 2016. Disponível em: <https://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/DE/Forschung/Migrationsberichte/migrationsbericht-2015.html?nn=403964> . Acesso em 2 out. 2025.
- BAMF. Integration courses: Learn German and get to know Germany. Nürnberg: BAMF, 2024a. Disponível em: <https://www.bamf.de/SharedDocs/Anlagen/EN/Integration/FlyerIntegrationskurse/flyer-integrationskurse-en.pdf> . Acesso em: 2 out. 2025.
- BAMF. Integration courses: Content and structure. Nürnberg: BAMF, 2024b. Disponível em:

<https://www.bamf.de/EN/Themen/Integration/ZugewanderteTeilnehmende/Integrationskurse/InhaltAblauf/inhalttablauf-node.html> . Acesso em: 2 out. 2025.

BAMF. Parent Integration Courses (Elternintegrationskurse). Disponível em: <https://www.bamf.de/EN/Themen/Integration/ZugewanderteTeilnehmende/Integrationskurse/SpezielleKursarten/Eltern/eltern-node.html> . Acesso em: 1 out. 2025.

Brücker, Herbert; Jaschke, Philipp; Kosyakova, Yuliya. Integrating Refugees and Asylum Seekers into the German Economy and Society: Empirical Evidence and Policy Objectives. Washington, DC: Migration Policy Institute, 2019.

Deutsche Welle. “Nós vamos conseguir”: famosa frase de Merkel, 10 anos depois. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/n%C3%B3s-vamos-conseguir-famosa-frase-de-merkel-10-anos-depois/a-73827340> . Acesso em: 2 out. 2025.

Dozenten im Integrationskurs. Zuwanderungsgesetz, Bewältigungsstrategien, Bildungsforschung. Bielefeld: transcript Verlag, 2019.

Homrighausen, Carolin; Weidacher, Georg; Scholz, Katharina. Kursverläufe im Allgemeinen Integrationskurs: Ergebnisse einer Sekundäranalyse zur Nutzung der BAMF-Datenbank. Nürnberg: Bundesamt für Migration und Flüchtlinge, 2021.

Make it Germany. Integration courses. Portal oficial do Governo Federal da Alemanha. Disponível em: <https://www.make-it-in-germany.com/en/living-in-germany/learn-german/integration-courses> . Acesso em: 2 out. 2025.

Hünlich, David; Knorr, Dagmar; Riecken, Susanne. Wer besucht den Integrationskurs? Ergebnisse der Integrationskursgeschäftsstatistik 2017. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache (IDS), 2018.

Amanda Malerba

Doutoranda no *Institut für Philosophie* da *Universität Hildesheim*, com financiamento do DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*). Pesquisa a temática da hospitalidade e da integração social de refugiados, no campo da Filosofia Social. Graduada e mestra em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Psicanalista pelo Instituto Internacional de Psicanálise e membra do Grupo de Pesquisa Subjetividade, Filosofia e Psicanálise (CNPq/UFMS) e do Grupo de Trabalho de Filosofia e Psicanálise da ANPOF. Autora do livro “A questão da convivência para Freud e Bauman” (Urutau, 2024).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3287-8040>

Email: amandamalerba3@gmail.com

Los influencers migrantes y sus dinámicas de interacción con las audiencias:

entre las relaciones parasociales y los usos y gratificaciones en las plataformas digitales

Debates e Conjunturas

Ernesto Navarro López

Universidad Pompeu Fabra (Espanha) / Universidad de Guadalajara (México)

Introdução

La figura de los influencers ha tomado relevancia en los últimos años debido a características como cercanía, empatía y confianza con las audiencias, así como la facilidad de interacción y la consolidación de las plataformas digitales, ejerciendo influencia sobre las compras y la toma de decisiones de los seguidores” (Lou, 2022). Han adquirido también roles como líderes de opinión, embajadores de marca y defensores sociales en los últimos años (Insider Intelligence, 2022, en Vu, Keating & Wang, 2022). Pero es necesario abrir el foco para observar qué otras esferas de la vida social se están transformando a partir de la auto-mediatización, en donde emergen figuras mediáticas que identifican y ocupan espacios o vacíos dentro del espectro digital. Estas figuras mediáticas traen consigo una renovación del contenido en términos de narrativas, perspectivas, estilos y necesidades de las audiencias, influyendo directamente en las dinámicas, estrategias, autonomía y agencia de las personas migrantes (Torre-Cantalapiedra, 2022; Huerta & McLean, 2019; Salazar-Araya, 2019; Navarro-López & Guerrero-Martínez, 2023; Navarro-López, 2021). En ese sentido, este ensayo pretende sentar las bases de una propuesta teórico-conceptual que aborde los componentes de la fiabilidad y credibilidad de los influencers sobre temas relacionados a la migración, así como los usos y gratificaciones que buscan y obtienen (o no) las audiencias.

Los influencers y las relaciones parasociales

La literatura especializada sobre influencers ha abordado cuestiones generalmente desde la perspectiva del marketing, como lo son las finanzas, la moda, u otros productos en general (Reinikainen et al., 2020; Martensen et al., 2018; Perez et al., 2021; Lou & Yuan, 2019; Vu et al., 2024). Pero el campo de la investigación ha prestado poca atención a la figura de los influencers con una orientación de corte social, como lo pueden ser los influencers migrantes, o no, que generan contenido orientado a personas migrantes.

Esta relación entre los influencers y las comunidades en las plataformas sociales se pueden explicar desde la teoría de las relaciones parasociales, ya que el papel de los influencers en diversos temas puede ser de alta relevancia para las opiniones, actitudes y tomas de decisiones de las comunidades en línea (Khamis et al., 2017), y la dinámica en la que se otorga un alto valor a la autenticidad (Weismueller et al., 2020).

Bajo esta mirada, esta propuesta pretende abordar, a nivel teórico-conceptual, y desde una perspectiva exploratoria, dos cuestiones claves respecto a la figura de un influencer migrante desde las relaciones parasociales y los usos y gratificaciones de su comunidad virtual: (1) ¿Cuáles son las características de las relaciones parasociales que se establece entre los influencers enfocados a la generación de contenido relacionado a temas de migración? (2) ¿Cuáles son las gratificaciones obtenidas por parte de la comunidad vertidas en los comentarios de interacción con los contenidos?

Las relaciones parasociales explican los mecanismos y particularidades de una conexión imaginaria entre una figura mediática y sus seguidores (Horton y Wohl, 1956). Rubin et al, (1985, p.156) conceptualizaron la relación interpersonal entre los usuarios de medios y las figuras mediáticas, la cual puede manifestarse de diferentes maneras como: “buscar orientación en una personalidad de los medios de comunicación, considerar a las personalidades de los medios como amigos, imaginar que se forma parte del mundo social de un programa favorito y desear conocer a los artistas de los medios de comunicación”.

Aunque el reconocimiento público de los influencers no puede ser tan alto como el de las celebridades tradicionales, éstos son percibidos como más cercanos, inspiradores y dignos de confianza (Audrezet et al. 2020; Djafarova & Rushworth, 2017), lo que puede aumentar sus efectos de difusión en las plataformas sociales (McQuarrie et al. 2012). Las posibilidades interactivas de las plataformas sociales han ido encaminadas a una mejora de la frecuencia de la pseudorrelación y la manera en la que los influencers interactúan con sus seguidores (Sokolova & Kefi, 2020).

Fiabilidad y credibilidad en el caso de un influencer migrante

Las motivaciones de una persona por generar un canal de comunicación pueden ser muy diversas. Algunas pueden ser obtener ganancias económicas, el reconocimiento social, incidir en la opinión pública, o por una motivación intrínseca de automediatización con fines de incidencia social en algún grupo determinado (Couldry, 2008; Jenkins & Ito, 2015). En este caso, tomaremos como caso de estudio el perfil de un joven de origen venezolano que produjo una serie – tutorial en su perfil de TikTok sobre su cruce por Centroamérica, partiendo de su país y atravesando el tapón de El Darién de Panamá, que representa un lugar muy relevante en el corredor migratorio de América Latina.

El perfil de la red social **TikTok @ElCambista**, gestionado por un joven venezolano, quien define su perfil como “Canal informativo, sólo comparto mi viaje como migrante”. Cuenta con más de 39 mil seguidores, y los 11 videos que componen la serie tutorial, la cual tiene en total 335,17 mil likes, 5,532 mil comentarios, 26,096 mil guardados, y un total de 7 millones, 237 mil, 700 reproducciones, a agosto del 2025. Esto refleja el alto nivel de atención que esta serie tutorial ha adquirido en la plataforma, convirtiéndolo en un nodo relevante en la temática migratoria para las personas.

El Cambista es un perfil informativo de la red social TikTok. Se puede acceder en <https://www.tiktok.com/@elcambista>

Esto pone en juego variables de credibilidad presentadas en otros estudios (Vu, et al., 2024), como el atractivo social, término proveniente de la psicología, relacionado a la capacidad de la figura mediática a generar afinidad interpersonal; la homofilia de actitud, más apegada a la sociología, relacionada a la tendencia de las personas a relacionarse con individuos afines, con los que comparten valores, creencias y actitudes, pero centrándose específicamente en los aspectos de pensamiento y opinión.

Otro es el de la experiencia, que en términos de moda o finanzas se relaciona a quienes ocupan espacios de legitimidad, pero, en el caso de un usuario migrante, que genera contenido para personas migrantes, el hecho de la experiencia de haber transitado la ruta migratoria lo convierte en un elemento utilitario para las personas que buscan realizar esta travesía. Por último, la dimensión de la fiabilidad, relacionada a la percepción que los usuarios tienen sobre una figura, en donde son relevantes puntos como el aporte de sus propias opiniones, en donde, además, se le resta valor a una imagen con un bajo nivel de estilo propio o persona, o una estructura narrativa pulcra o bien organizada.

Martensen et al., (2018) indican que, además de las variables de experiencia y fiabilidad, son relevantes las dimensiones de la simpatía, relacionado a un tono, la afinidad, la producción de una emoción positiva, familiar y amigable en que la persona se dirige a la audiencia. También discuten sobre la similitud, que se relaciona con la semejanza de situaciones, objetivos y expectativas. Otra dimensión relevante es la de la familiaridad, que se entiende como la cercanía, la empatía y la reciprocidad en torno a las experiencias de las personas. Por ejemplo, Fu et al (2020) descubrieron que los factores de interacción social (es decir, la similitud percibida, la familiaridad y la experiencia) están asociados positivamente con la influencia social y la calidad de la información.

Los usos y gratificaciones: ¿qué podrían buscar y obtener los seguidores de un influencer sobre temas de migración?

Las personas hacen uso de los medios de comunicación para satisfacer necesidades, y al satisfacerlas obtienen una gratificación, como puede ser informarse, reforzar su identidad, sostener relaciones sociales (Dominick, 2006; McQuail, 1976; Katz y Rice, 2002). Estas expectativas pueden explicarse desde la teoría de los Usos y

Gratificaciones (Katz, Blumler & Gurevitch, 1973), que explora cuáles son los usos que las audiencias hacen de los medios, así como los beneficios y/o gratificaciones, tomando en cuenta el rol activo que las audiencias tienen en la selección de los medios.

Con la consolidación de la plataformización en los procesos de comunicación (Nieborg, Poell & Van Dijck, 2022), las dinámicas de usos de las redes sociales se han modificado en términos de herramientas, estilos de narrativas y recursos para sostener y promover la interactividad (Jenkins, 2019) y la interacción de las personas con la tecnología (Castells, 2012). Bajo esta mirada, resulta relevante cómo es que las personas migrantes participan en las dinámicas de producción y el consumo mediático, ya que son espacios de expresión, organización, alfabetización y circulación de sentido que impacta en la manera en la que las personas migran.

Representan herramientas para la toma de decisiones y organización de rutas, estrategias, prevención y reconocimiento de condiciones y territoriales. Diversos estudios señalan la relevancia de factores individuales y socioculturales que inciden en los usos de los medios, en donde entran, por lo menos, tres cuestiones: las necesidades, las diferencias individuales, y el contexto social, económico y cultural (Lucas y Sherry, 2004, en Tarullo, 2020, p.225). Así mismo, existen estudios que identifican que algunas de las razones de la participación y co-creación de contenido en redes sociales es la búsqueda por satisfacer necesidades en los usuarios como compartir contenido elaborado a su estilo, conocer gente y obtener reconocimiento (Urista, Dong y Day, 2009).

Bajo este enfoque, un análisis temático básico, en donde se eligieron 10 comentarios (N= 120), seleccionados aleatoriamente en cada uno de los videos que componen la serie documental (12 videos en total), revela algunas de las gratificaciones buscadas y/u obtenidas en la interacción de la comunidad con los contenidos; en específico en los comentarios, revelan, por lo menos 13 temas relacionados a las necesidades de la comunidad con relación al tema migratorio. Estas se presentan en la tabla 1.

Tabla 1. Tipología de gratificaciones buscadas y/u obtenidas en comentarios	
	Consejos y dudas sobre transporte
	Documentación y trámites
	Guías de presupuestos y gastos
	Redes de organización grupal
	Dudas y expectativas de presupuesto general
	Expectativas y consejos divisas
	Consejos sobre Bancarización
	Contacto con guías para El Darién
	Dudas y consejos sobre seguridad
	Dudas y contactos sobre tráfico de personas en frontera
	Dudas y consejos sobre salud
	Expectativas sobre objetivos y metas
	Estrategias de evasión fronteriza
	Rutas de viaje
	Información y detalles sobre cruces fronterizos
	Satisfacción/ insatisfacción en la atención al migrante
	Estrategias de evasión al crimen organizado y trata de personas
	Consejos y dudas sobre actitudes ante el crimen organizado y trata de personas

FUENTE: Elaboración propia. 2025.

Conclusiones

Esta comunicación aborda en términos teórico-conceptuales la dinámica de interacción parasocial que un influenciador migrante puede establecer con su comunidad, al tiempo de que arroja luz sobre la diversidad de gratificaciones buscadas y/u obtenidos por parte de la audiencia. Esta discusión sirve como lente para poder abordar el papel de los influenciadores en contextos sociales, como lo son los procesos de migración.

Bibliografía

- Audrezet, A., de Kerviler, G., y Guidry Moulard, J. 2020. "Autenticidad bajo amenaza: cuando las redes Sociales "Los influyentes de los medios deben ir más allá de la autopresentación", *Journal of Business Research* (117), págs. 557-569. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296318303229>
- Couldry, N. (2008). Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. *New media & society*, 10(3), 373-391. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444808089414>
- Djafarova, E., & Rushworth, C. (2017). Exploring the credibility of online celebrities' Instagram profiles in influencing the purchase decisions of young female users. *Computers in human behavior*, 68, 1-7. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563216307506>
- Fu, J.-R., Lu, I. W., Chen, J. H. F., & Farn, C.-K. (2020). Investigating consumers' online social shopping intention: An information processing perspective. *International Journal of Information Management*, 54, Article 102189. <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2020.102189>
- Horton, D., & Richard Wohl, R. (1956). Mass communication and para-social interaction: Observations on intimacy at a distance. *psychiatry*, 19(3), 215-229. <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00332747.1956.11023049>
- Huerta, A. V., & McLean, L. (2019). Caravanas de migrantes en México. *Revista CIDOB d'afers internacionals*, (122), 163-186. <https://www.jstor.org/stable/26843350>
- Jenkins, H. (2019). *Participatory culture: interviews*. John Wiley & Sons.
- Jenkins, H., & Ito, M. (2015). *Participatory culture in a networked era: A conversation on youth, learning, commerce, and politics*. John Wiley & Sons.
- Katz, E., Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (1973). Uses and gratifications research. *The public opinion quarterly*, 37(4), 509-523. <https://www.jstor.org/stable/2747854>
- Katz, J. E., & Rice, R. E. (2002). *Social consequences of Internet use: Access, involvement, and interaction*. MIT press.
- Khamis, S., Ang, L., & Welling, R. (2017). Self-branding, 'micro-celebrity' and the rise of social media influencers. *Celebrity studies*, 8(2), 191-208. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19392397.2016.1218292>

Lou, C. 2022. "Social Media Influencers and Followers: Theorization of a Trans-Parasocial Relation and Explication of Its Implications for Influencer Advertising," *Journal of Advertising* (51:1), pp. 4-21. <https://bit.ly/45b7Tu7>

McQuail, D. (1977). The influence and effects of mass media. *Mass communication and society*, 70-94. <https://bit.ly/44Olilj>

Navarro López, E. (2021). La gestión de la amenaza a la identidad social de las y los usuarios de Twitter ante la narrativa mediática respecto a la caravana migrante del 2018 (Master's thesis, Universidad Iberoamericana Ciudad de México. Departamento de Comunicación). <https://ri.ibero.mx/handle/ibero/6488>

Navarro López, E., & Guerrero Martínez, M. A. (2023). La gestión de la amenaza a la identidad social en el hashtag de Twitter# CaravanaMigrante: un estudio de caso sobre la narrativa en México. *Estudios sobre el mensaje periodístico*, 29(1). <https://revistas.ucm.es/index.php/ESMP/article/view/82816>

Nieborg, D. B., Poell, T., & van Dijck, J. (2022). Platforms and platformization. *The SAGE handbook of the digital media economy*, 29-49. <https://www.torrossa.com/en/resources/an/5409560#page=82>

Perez, C., Sokolova, K., & Konate, M. (2020). Digital social capital and performance of initial coin offerings. *Technological forecasting and social change*, 152, 119888. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0040162519306547>

Reinikainen, H., Munnukka, J., Maity, D., & Luoma-Aho, V. (2020). 'You really are a great big sister'—parasocial relationships, credibility, and the moderating role of audience comments in influencer marketing. *Journal of marketing management*, 36(3-4), 279-298. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0267257X.2019.1708781>

Rubin, A. M., Perse, E. M., & Powell, R. A. (1985). Loneliness, parasocial interaction, and local television news viewing. *Human Communication Research*, 12(2), 155–180. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1985.tb00071>. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2958.1985.tb00071.x>

Sokolova, K., & Kefi, H. (2020). Instagram and YouTube bloggers promote it, why should I buy? How credibility and parasocial interaction influence purchase intentions. *Journal of retailing and consumer services*, 53, 101742. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0969698918307963>

Tarullo, R. (2020). ¿Por qué los y las jóvenes están en las redes sociales? Un análisis de sus motivaciones a partir de la teoría de usos y gratificaciones. *Revista Prisma Social*, (29), 222-239. <https://revistaprismasocial.es/ps/article/view/3558>

Torre Cantalapiedra, E. (2022). El estudio de las caravanas migrantes en México. *Norteamérica*, 17(2), 67-89. https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1870-35502022000200067&script=sci_arttext

Urista, M. A., Dong, Q., y Day, K. D. (2009). Explaining Why Young Adults Use MySpace and Facebook Through Uses and Gratifications Theory. *Human Communication*, 12(2), 215–229. <https://bit.ly/49yAID2>

Vu, V. C., Keating, B., & Wang, S. (2022). # finfluencers: Understanding the Role of Parasocial Relationships and Psychological Need Support. In *Proceedings of the 33rd Australasian Conference on Information Systems (ACIS2022)*. Association for Information Systems. <https://eprints.qut.edu.au/244500/>

Vu, V. C., Wang, S., Keating, B. W., & Chen, E. Y. (2024). Increasing Social Media Stickiness Through Parasocial Interaction and Influencer Source Credibility. *Australasian Marketing Journal*, 14413582241306130.

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/14413582241306130>

Weismueller, J., Harrigan, P., Wang, S., & Soutar, G. N. (2020). Influencer endorsements: How advertising disclosure and source credibility affect consumer purchase intention on social media. *Australasian marketing journal*, 28(4), 160-170.

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1016/j.ausmj.2020.03.002>

Yin, R. K. (2018). *Case Study Research and Applications: Design and Methods* (Sixth ed.). Los Angeles: SAGE Publications.

Ernesto Navarro López

Universidad Pompeu Fabra (UPF). Maestro en Comunicación, Universidad Iberoamericana CDMX (UIA). Licenciado en Periodismo, Universidad de Guadalajara (UdeG).

ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-4912-2151>

Email: netowenudg@gmail.com

From hardship to hope:

stories of resilience among syrian refugees in Germany

Debates e Conjunturas

Shaden Sabouni

Fulda University / Social and Cultural Sciences (Alemanha)

Introduction

The outbreak of the Syrian civil war in 2011 led to one of the most significant displacement crises of the 21st century. Millions of Syrians were forced to flee their homes, seeking refuge in various countries, with Germany being one of the primary destinations (Funk, 2016; Renner et al., 2020). The decision to embark on such a perilous journey was driven by the desire for safety, stability, and a better future for their children. Upon arrival in Germany, many refugees faced a reality that differed significantly from their expectations.

Challenges such as language barriers, cultural differences, and the non-recognition of academic and professional qualifications often emerge as immediate obstacles to integration (Badawi, 2024). These challenges can generate feelings of exclusion and frustration, as refugees struggle to navigate unfamiliar social and institutional landscapes. Despite these difficulties, many Syrians demonstrate resilience by engaging in language courses, vocational training, and community activities to rebuild their lives (Walther et al., 2021).

However, the path to integration remains complex. Research indicates that while refugees are eager to contribute to their host societies, systemic barriers frequently hinder their full participation (Green, 2017). The recognition of foreign qualifications, in particular, continues to represent a major obstacle, with far-reaching consequences for employment opportunities and long-term economic stability (Knuth, 2019).

Arrivals and Aspirations – The Story of Naya

In this paper, I will share the story of Naya, a young teenager who arrived in Germany with her family at the age of 14. Previously, Naya had been a member of Syria's international swimming team, a skilled piano player, and a prominent student at a bilingual international school in her home country. Before arriving in Germany, she had spent three years internally displaced within Syria, deprived from practicing any of her talents or hobbies due to the brutal war that uprooted them from their home.

I met Naya during one of the interviews I conducted for my broader PhD research, which explored the transformation of family dynamics among refugee families. Our connection began through a snowballing process, where I started volunteering to support refugees and gradually built trustful relationships, which eventually allowed me to accompany and interview them for research purposes.

Over a period of approximately two years, I had the opportunity to accompany Naya, meet her family, and collect detailed and nuanced information about their past experiences, present life, and future aspirations. This longitudinal engagement provided a rich understanding of how young refugees navigate the challenges of displacement while striving to retain their talents, ambitions, and sense of identity in a new country. While this paper focuses on Naya's individual trajectory, I approach her story as a prototype for the experiences of many other teenage refugees and families I interviewed during my fieldwork between 2022 and 2024. Her narrative reflects broader patterns, struggles, and coping strategies that emerged across multiple cases, thereby offering insights into the collective realities of refugee youth and their families in Germany.

First Impressions – Naya's First Day at School in Germany

When Naya arrived in Germany, she was full of motivation and excitement to start school. She did not yet know the differences between the German school system and the one she had attended in Syria. She was enrolled in a training school, and armed with determination, passion for learning, and a love of knowledge, she eagerly anticipated her first day.

However, her first day quickly became a profound shock, revealing how different her new life in Germany would be and the challenges she would face. Tia recalled:

"I bought many things for my first day—pens, papers, folders, notebooks. I had been waiting for this day for a long time and had imagined it in my head for years. I love being at school and having friends. The teacher welcomed us warmly, but as I sat behind my desk, I looked around at the faces surrounding me. They were all young men with mustaches and beards. It felt very strange. They were much older than me, laughing while the teacher was explaining something, and making dirty jokes about her. She reacted politely and laughed back because she did not understand their jokes. I felt somehow responsible because I could understand their language. I was very angry and frustrated and did not know what to do. During the break, the same guys went outside and started smoking right in front of the teacher. This was a huge shock for me because at my school back home, this is not allowed. I thought that in Germany schools would be even more disciplined and that schools are places for learning and making friends, not for such impolite behavior." (Naya, 2022)

This first encounter with the German school system highlighted for Naya that integration was not only about learning a new language or adapting to a new atmosphere—

it also involved navigating unfamiliar social norms, hierarchies, and behaviors. Her expectations clashed sharply with reality, setting the stage for both challenges and personal growth in the years to come.

At the structural level, however, Naya's placement reflected a broader pattern in the German integration system, where refugee students are often categorized collectively without adequate assessment of their individual qualifications or prior achievements. Rather than being evaluated for her outstanding academic and extracurricular background, Tia was placed in a preparatory class alongside older male students whose educational trajectories and social behavior diverged sharply from her own. This experience signaled an immediate devaluation of her prior knowledge and talents, as her abilities were overlooked in favor of standardized procedures that treat refugees as homogenous group.

Research has shown that such practices are not isolated incidents but represent a recurring challenge for refugee students in Germany and across Europe. Studies highlight that many refugee children and adolescents are systematically placed in lower-level classes regardless of their qualifications, leading to frustration, demotivation, and a sense of exclusion (Guo et al., 2019; Horswood et al., 2019). This form of structural relegation often suppresses the actual abilities of refugee students, undermining both their educational trajectories and their sense of self-worth. Naya's story therefore illustrates a common paradox: while schools are framed as gateways to integration, they can also operate as sites of marginalization, where refugee youths' aspirations are diminished rather than nurtured.

Navigating the New Life – Challenges and Determination

Like many other refugee students I interviewed for my research, Naya experienced profound emotional distress upon encountering the realities of the German school system. Deeply hurt and confused by her first day at school, she returned home in tears and told her mother that she would never go to school again. She locked herself in her room, overwhelmed by the shock of what she had seen and heard. Her mother, holding a bachelor's degree in humanitarian studies and having worked over twenty years as an English teacher, waited patiently for her daughter to calm down before trying to understand what had happened. When Naya shared her experience, her mother immediately recognized the severity of the situation. Determined to ensure her children were not only enrolled in school but placed in a supportive and stimulating learning atmosphere, Naya's mother sought alternatives beyond the initial placement. For her, it was not merely about formal access to education, but about securing an environment where her children's motivation, abilities, and talents could truly flourish.

The next day she went to the local school committee, bringing all the reports and records from their previous school to justify their eligibility for placement in a better institution. Despite her efforts, the committee denied the request and instructed them not to return. The mother, convinced that her children deserved better opportunities, realized that

if they stayed in such an unsuitable environment, it would be extremely challenging for them to thrive academically and socially.

The following morning, she visited five different schools, carrying all the children's files, reports, and notes carefully preserved during their journey as refugees. She tried to convince each school of her children's qualifications and potential. After two tense weeks of repeated visits and rejections, her hope began to fade. The family, new to Germany, was still receiving social support from the government and attending language courses to improve integration.

Faced with repeated barriers, the father decided to pursue a private school. He discontinued his language course and took a job at a bakery, despite holding a bachelor's degree in IT engineering. Through this employment, he was able to pay the fees for a private school, hoping to secure a better educational future for his children. Together, the parents approached the school principal, presenting the father's job contract and the children's academic reports. Trembling with anxiety, they pleaded for their children to be given a fair chance.

"I told the principle I was willing to go back to Syria if my children were not placed in a proper educational atmosphere. I did not leave my country for this. I lost everything for the sake of my children. I want to provide them with better chances and a better future, but this way will only lead to more disappointment and wasted potential." (Naya's father, 2022)

After several negotiations and school visits, the children were finally admitted to a middle school, though the father had to devote nearly half of his salary to support their education. Within three months, the children's academic abilities became evident, and they were soon admitted to one of the city's best grammar schools. This trajectory highlights both the resilience of refugee families and the structural obstacles they must navigate to secure appropriate educational opportunities for their children.

Research on refugee education in Germany underscores that newcomers often face significant barriers in school placement, recognition of prior qualifications, and access to supportive learning environments (Horswood et al., 2019; Koehler & Schneider, 2019; Podar et al., 2022). Families' proactive engagement, persistence, and investment in their children's education—such as the actions taken by Naya's family—play a critical role in overcoming these barriers and achieving successful integration outcomes.

Conclusion

The story of Naya and her family illustrate not only the emotional burden carried throughout the refugee journey, but also the systemic barriers that continued to undermine the sense of dignity and belonging after arrival. Being placed in classes two years below their actual age not only denied the children the recognition of their true academic abilities but also profoundly affected their self-esteem and aspirations. Such practices, as research shows, are common among refugees, whose prior experiences is often devalued due to rigid

recognition policies and deficit-oriented approaches in host countries (Martzoukou & Burnett, 2018; Nikolov et al., 2022).

The father's trajectory reflects the deep sacrifices families make in the pursuit of stability and opportunity for their children. In his late fifties, he recognized the near impossibility of gaining recognition for his IT qualifications and accessing employment commensurate with his skills. He thus abandoned his professional career and accepted low-paid labor as a means to secure a guaranteed, if limited, pathway to his children's educational advancement. The mother, through her husband's support, was able to carve out a different path, gaining recognition for her qualifications, enrolling in a master's program, and eventually securing a teaching position at a German university while simultaneously engaging in volunteer work to support other refugee families in navigating the unfamiliar system.

Meanwhile, the children advanced remarkably once placed in the appropriate school environment, excelling academically and in extracurricular activities. Their success underscores the central importance of equitable access to education for refugee children—a right enshrined in international frameworks but often undermined by national and local practices (UNHCR: Global Website, 2021).

This family's story is not a simplistic narrative of resilience or linear integration success. Rather, it reveals the hidden layers of pain, sacrifice, and unacknowledged struggles that accompany refugee lives. Beneath the visible achievements lie countless untold incidents of frustration, rejection, and deferred aspirations. Recognizing these hidden dimensions is crucial for moving beyond celebratory accounts of "successful integration" toward a more critical understanding of how structural barriers shape refugee trajectories. In doing so, we not only honor the lived realities of refugee families but also expose the urgent need for policy reforms that acknowledge prior qualifications, address systemic discrimination, and ensure that educational opportunities genuinely match the abilities and potential of refugee children.

We recommend reading the article "The Cost of Belonging: Stories of Unaccompanied Young Syrian Refugees in Germany", also by Shaden Sabouni, published in 2024 in the Berghahn Journal, and available at:

<https://www.berghahnjournals.com/view/journals/aia/31/1/aia310104.xml>

References

- Badawi, E. (2024). Navigating Exile: The Syrian Diaspora's Journey in Germany — Challenges, Contributions, and Future Prospects. Medium.
- Funk, N. (2016). A spectre in Germany: refugees, a 'welcome culture' and an 'integration politics.' *Journal of Global Ethics*, 12(3), 289–299.
<https://doi.org/10.1080/17449626.2016.1252785>

- Green, M. (2017). Language Barriers and Health of Syrian Refugees in Germany. *American Journal of Public Health*, 107.
- Guo, Y., Maitra, S., & Guo, S. (2019). "I Belong to Nowhere": Syrian Refugee Children's Perspectives on School Integration. *Journal of Contemporary Issues in Education*, 14(1). <https://doi.org/10.20355/jcie29362>
- Horswood, D., Baker, J., Fazel, M., Rees, S., Heslop, L., & Silove, D. (2019). School factors related to the emotional wellbeing and resettlement outcomes of students from refugee backgrounds: protocol for a systematic review. *Systematic Reviews*, 8(1), 107. <https://doi.org/10.1186/s13643-019-1016-6>
- Knuth, M. (2019). Integrating Refugees in the German Labor Market (Vol. 17, Issue 2). <https://www.researchgate.net/publication/331812719>
- Koehler, C., & Schneider, J. (2019). Young refugees in education: the particular challenges of school systems in Europe. *Comparative Migration Studies*, 7(1), 28. <https://doi.org/10.1186/s40878-019-0129-3>
- Martouzoukou, K., & Burnett, S. (2018). Exploring the everyday life information needs and the socio-cultural adaptation barriers of Syrian refugees in Scotland. *Journal of Documentation*, 74(5), 1104–1132. <https://doi.org/10.1108/JD-10-2017-0142>
- Nikolov, P., Salarpour, L., & Titus, D. (2022). Skill Downgrading Among Refugees and Economic Immigrants in Germany. *General Economics*, 2(4), 1–22.
- Podar, M.-D., Frețian, A.-M., Demir, Z., Razum, O., & Namer, Y. (2022). How schools in Germany shape and impact the lives of adolescent refugees in terms of mental health and social mobility. *SSM - Population Health*, 19, 101169. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2022.101169>
- Renner, A., Hoffmann, R., Nagl, M., Roehr, S., Jung, F., Grochtdreis, T., König, H.-H., Riedel-Heller, S., & Kersting, A. (2020). Syrian refugees in Germany: Perspectives on mental health and coping strategies. *Journal of Psychosomatic Research*, 129, 109906. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2019.109906>
- UNHCR: Global Website. (2021). Global Trends in Forced Displacement – 2020.
- Walther, L., Rayes, D., Amann, J., Flick, U., Ta, T. M. T., Hahn, E., & Bajbouj, M. (2021). Mental Health and Integration: A Qualitative Study on the Struggles of Recently Arrived Refugees in Germany. *Frontiers in Public Health*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.576481>

Shaden Sabouni

PhD researcher at Fulda University and an associate researcher at Koblenz University. She completed her PhD on the transformation of family dynamics among Syrian refugee families in Germany, using a gendered analysis and figurational approach. As a Syrian refugee herself, she is dedicated to exploring and revealing the daily challenges faced by different groups of refugees, including skilled professionals, youth, and women, upon displacement. She is also a member at the Refugee Advisory Board for Germany, is a consultant at FFVT, and a fellow researcher at Migration and Refugee Studies in Bonn.

ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-3336-827X>

Email: shadensabouni1978@gmail.com

Entre a fronteira e a sala de aula:

formação docente e acolhimento de estudantes imigrantes em
Dourados (MS)

Falares Migrantes

Rosana Irani Daza de Garcia

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (Brasil)

Atuo como mulher imigrante e formadora de professores da rede municipal de ensino de Dourados (MS), município situado em uma região de fronteira marcada por intensos fluxos migratórios. Minha experiência profissional se constrói no encontro entre educação pública, diversidade cultural e políticas de acolhimento, revelando desafios e possibilidades que atravessam a escola contemporânea.

A presença de estudantes imigrantes nas escolas municipais tem crescido nos últimos anos, sobretudo de famílias provenientes de países vizinhos. Esse cenário transforma a sala de aula em um espaço de múltiplas línguas, culturas e histórias. Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de preparar professores para lidar com situações que envolvem barreiras linguísticas, conflitos culturais e práticas de exclusão.

Minha atuação como formadora surgiu da constatação de que muitos docentes se sentiam despreparados para acolher esses estudantes. As inquietações eram recorrentes: como ensinar conteúdos curriculares quando não há uma língua comum? Como enfrentar episódios de preconceito? Como construir pertencimento? Essas questões demonstram que o acolhimento vai além de estratégias pedagógicas e se insere em um campo político e ético.

Nos processos formativos, procurei fundamentar minha prática no conceito de letramento crítico, entendido não apenas como leitura de textos, mas como produção de significação situada historicamente. Conforme Menezes de Souza (2019), tanto o autor quanto o leitor são sujeitos sociais cujos sentidos são produzidos a partir de suas comunidades sócio-históricas. Essa compreensão permitiu deslocar a ideia de que o estudante imigrante “não compreende” por deficiência individual, reconhecendo que ele interpreta o mundo a partir de outra genealogia cultural.

Inspirada em Freire (2005), compreendi a formação docente como um exercício de escuta. Escutar o outro implica também escutar a si mesmo no processo de ouvir, reconhecendo como nossas próprias histórias interferem na maneira como interpretamos o diferente. Esse princípio foi central nos encontros formativos: antes de pensar metodologias, era necessário refletir sobre atitudes, valores e concepções de mundo.

Um dos principais desafios identificados foi a língua. Professores relatavam frustração por não conseguirem se comunicar plenamente com seus alunos imigrantes. A

formação buscou valorizar recursos não verbais, imagens, músicas, dramatizações e atividades colaborativas como formas de comunicação intercultural. Ao mesmo tempo, defendemos que a língua materna do estudante não deve ser vista como obstáculo, mas como patrimônio cultural, conforme a perspectiva dialógica da linguagem proposta por Bakhtin (1978), que entende o sentido como resultado da interação social.

Outro ponto recorrente foi o enfrentamento da xenofobia e do preconceito.

Se quiser conhecer mais sobre **Rosana Irani Daza de Garcia**, como ela tem se posicionado e refletido sobre os aspectos da educação migrante, recomendamos assistir à palestra proferida na I Formação Continuada para Professores (2022), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3uQk-aezVZwc>

Situações de bullying e estigmatização revelam como a escola reproduz discursos presentes na sociedade. Nesse sentido, a reflexão sobre discurso e poder, inspirada em Foucault (1996), tornou-se fundamental para compreender como certos saberes se legitimam e outros são silenciados. A formação docente passou a problematizar quem pode falar, quem é ouvido e quais vozes são reconhecidas no espaço escolar.

Minha própria condição de mulher imigrante influenciou profundamente esse processo. Ao compartilhar minha trajetória de deslocamento, dificuldades linguísticas e experiências de exclusão, estabeleci uma relação de empatia com os professores. Essa dimensão autobiográfica dialoga com a afirmação de Menezes de Souza (2019) de que “só posso me responsabilizar pelas minhas leituras”, reconhecendo que toda interpretação é situada e atravessada por nossa história.

A conjuntura política atual impõe desafios adicionais. Em um cenário marcado por discursos de controle migratório e intolerância, a escola assume um papel estratégico como espaço de resistência democrática. A formação docente, portanto, não pode ser neutra. Ela precisa se posicionar eticamente em defesa do direito à educação e da dignidade humana, conforme Freire (1990) propõe ao tratar da consciência crítica como prática de transformação social. Além disso, ficou evidente a necessidade de políticas públicas intersetoriais.

O acolhimento de estudantes imigrantes não é responsabilidade exclusiva da escola, mas envolve assistência social, saúde, cultura e órgãos de direitos humanos. A ausência de diretrizes institucionais claras gera insegurança nos professores e fragiliza as ações de inclusão. Ao longo das formações, observei mudanças significativas na postura docente. Muitos professores passaram a desenvolver projetos pedagógicos voltados à valorização da diversidade cultural, como rodas de conversa, feiras interculturais e atividades bilíngues. Essas iniciativas demonstram que a formação continuada pode produzir impactos concretos na prática escolar.

Compreendo, a partir dessa experiência, que a fronteira não é apenas um limite geográfico, mas um espaço pedagógico. A convivência entre culturas pode se transformar em potência educativa quando mediada por uma perspectiva crítica. O letramento crítico, nesse sentido, permite compreender que os conflitos não devem ser eliminados, mas

interpretados como oportunidades de aprendizagem e diálogo (MENEZES DE SOUZA; MARTINEZ; DINIZ DE FIGUEIREDO, 2019).

Concluo que minha atuação como formadora de professores da rede municipal de Dourados reafirma a centralidade da educação na construção de políticas de acolhimento. Formar professores para lidar com a migração significa investir em uma escola comprometida com os direitos humanos e com a convivência intercultural.

Em tempos de tensões migratórias, a escola pode se tornar um dos poucos espaços onde a diferença não é convertida em exclusão, mas em aprendizado coletivo. Minha experiência demonstra que, quando há escuta, reflexão crítica e compromisso institucional, é possível transformar a fronteira em lugar de encontro.

Referências

- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1978.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREIRE, P. Education for critical consciousness. New York: Continuum, 1990.
- FREIRE, P. Pedagogia da tolerância. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. DLM-USP.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T.; MARTINEZ, J. Z.; DINIZ DE FIGUEIREDO, E.
- Dossiê Especial FICLLA. Revista X, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 5–21, 2019.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T. “Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito”: entrevista. Revista X, Curitiba, 2019.

Rosana Iriani Daza de Garcia

Doutora em Estudos de Linguagens do PPGEL/POS/FAALC/UFMS (2022). Atua como professora na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, principalmente nas seguintes áreas de pesquisa: Literatura Hispano-americana de autoria feminina, translinguagem e decolonialidade. Tem experiência na área de Extensão universitária em Estratégias de Leitura e Escrita no ensino de línguas adicionais. Realizou junto com a Secretaria do Município de Dourados, um projeto de acolhimento linguístico/literário para os imigrantes, é escritora, atriz, intérprete e tradutora.

Educação em contextos multiculturais:

vivências docentes com estudantes migrantes internacionais em Campo Grande, MS.

Nota de Pesquisa

Alessandra Alves Ferreira

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Brasil)

Linoel de Jesus Leal Ordoñez

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Brasil)

Introdução

Os deslocamentos humanos, também conhecidos como migrações internacionais ou mobilidade humana, são fenômenos centrais dos processos de mundialização. Esses fluxos estão diretamente ligados à composição econômica, política e geográfica do mundo, revelando relações de força e dependência que moldam agendas governamentais e impõem novas conexões entre lugares e pessoas. Tais conexões exigem da ciência uma postura proativa, capaz de dialogar com políticos, educadores e a sociedade civil, no intuito de planejar ações que respondam aos desafios da circulação de pessoas, mercadorias e informações. Como apontam Levitan, Rocha Furtado e Bousfield (2023, p. 2), trata-se de um “fenômeno da mobilidade temporária, em que projetos migratórios são mais fluidos e mutáveis, tornando o estudo das migrações mais complexo”.

A Organização Internacional para as Migrações (2024, p. 1) destaca que, embora a migração internacional continue a impulsionar o desenvolvimento humano, os desafios persistem. Com cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no mundo, o número de deslocados por conflitos, violência, desastres e outras causas atingiu o patamar de 117 milhões, o maior já registrado, evidenciando a urgência de se enfrentar a crise global de deslocamento. Essa mobilidade humana, conforme relatam a OIM e a ACNUR, está vinculada a crises políticas, sociais e econômicas, guerras, desastres climáticos e perseguições por identidade sexual, religiosa ou política (Organização das Nações Unidas, 2021). Em seus destinos, os migrantes enfrentam vulnerabilidades diversas, como exploração laboral, falta de moradia, discriminação e barreiras linguísticas, mesmo quando compartilham a língua ou o continente com o país receptor. O acesso à educação e à comunicação permanece como um dos principais desafios.

No Brasil, país sul-americano e oitava economia mundial, os dados oficiais revelam um cenário de crescente recepção migratória. Segundo relatório do Observatório das Migrações Internacionais, divulgado pelo Ministério da Justiça, cerca de 1,3 milhão de imigrantes residem no país, oriundos principalmente da Venezuela, Haiti, Bolívia, Colômbia e Estados Unidos. Em 2020, o número de novos imigrantes foi 24,4% superior ao registrado uma década antes, com

destaque para os fluxos venezuelano, haitiano e colombiano. O número de refugiados saltou de 86 em 2011 para 26.500 em 2020 (Government of Brazil, 2022, p. 1).

Diante desse panorama, este texto enfatiza que a educação, como direito básico assegurado pela Constituição Federal (Brasil, 1988), deve ser garantida a todos, inclusive aos alunos migrantes que buscam melhores condições de vida. No estado de Mato Grosso do Sul, essa realidade é cotidiana, especialmente em regiões fronteiriças, onde há presença significativa de estudantes bolivianos, paraguaios, haitianos, venezuelanos e de outras nacionalidades, matriculados nas redes municipal e estadual de ensino.

É nesse contexto que se insere o relato de experiência apresentado neste artigo, construído a partir das vivências docentes da professora Alessandra Ferreira. O texto decorre de sua participação no IX Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços, realizado em setembro de 2025, na cidade de Corumbá/MS, ocasião em que apresentou o artigo “Os alunos estrangeiros no sistema estadual e municipal de ensino: uma análise do cenário da Rota Bioceânica”. Essa produção integra o projeto de mestrado da autora, orientado pelo Prof. Dr. Linoel de Jesus Leal Ordóñez, intitulado *Mobilidade e Educação: A inserção de alunos estrangeiros no ensino em Campo Grande no contexto da Rota Bioceânica*.

Para mais informações sobre o evento “Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços”, convidamos a visitar a página:

<https://sef-cpan.ufms.br/>

Durante o evento, Alessandra compartilhou uma experiência marcante envolvendo uma aluna venezuelana em sua turma, o que despertou atenção de um dos coordenadores presentes. O episódio evidenciou, de forma concreta, os desafios e as potências do ensino em contextos multiculturais e multilinguísticos, especialmente diante da crescente presença de alunos migrantes na rede pública de Campo Grande. A partir dessa vivência, este texto tem como objetivo apresentar experiências docentes vividas ao longo de 2025, articuladas com reflexões teóricas e produções científicas que abordam a interculturalidade, a inclusão escolar e os processos formativos em cenários de diversidade cultural.

Vivências docentes no contexto multicultural de ensino junto a alunos migrantes internacionais matriculados em Campo Grande, Mato Grosso do Sul

O presente relato de experiência refere-se às vivências docentes no contexto da presença de alunos migrantes matriculados na rede de ensino do estado de Mato Grosso do Sul. O trabalho docente, por sua natureza, revela-se complexo, seja pelas dificuldades relacionadas à formação, seja pelos desafios estruturais, pedagógicos e pela indisciplina observada em determinadas turmas (Albuquerque, 2010).

A experiência relatada aborda também a transferência de escola vivenciada pela professora Alessandra Ferreira no início do ano letivo de 2025. Ao chegar à nova instituição

para a qual foi designada, Alessandra deparou-se com turmas marcadas por comportamentos socialmente complexos, que envolviam não apenas questões disciplinares, mas também aspectos como higiene pessoal e atitudes cotidianas, frequentemente permeadas por episódios de desrespeito entre os estudantes.

Entende-se que, conforme Freire (2019), o papel das escolas vai além da transmissão de conteúdos pedagógicos, devendo haver também o envolvimento de esforços em prol da formação cidadã (Zabala, 2015). Esse processo demanda, inevitavelmente, a participação ativa dos professores e, diante da situação adversa, a professora Alessandra por vezes se perguntava: o que fazer para superar as dificuldades que se apresentam com as turmas problemáticas aqui identificadas?

No caso específico da indisciplina, Albuquerque (2010) aponta que, na concepção de certos estudantes, a escola não é vista como espaço de aprendizagem, mas sim de diversão, o que dificulta o cumprimento das regras necessárias para um ambiente pacífico de ensino (Lück, 2009). Mas um aspecto que merece destaque na experiência de Alessandra é ter observado a presença de uma aluna venezuelana em uma das turmas, o que evidencia lacunas no contexto educacional sul-mato-grossense quanto a formas de integração de alunos migrantes. Entre os desafios, destaca-se a descontextualização curricular, já que os programas escolares não refletem adequadamente a diversidade multicultural e multilinguística presente nas salas de aula (Batista, 2019).

Soma-se a isso a ausência de formação docente específica para lidar com essa miscelânea cultural, aspecto que ainda não é devidamente contemplado nas políticas de formação continuada (Tavano; Gonçalves, 2023). Segundo levantamento de Tavano et al. (2024), realizado com professores que atuam em regiões fronteiriças do estado, constatou-se baixa adesão à formação inicial voltada para dimensões culturais e linguísticas que caracterizam a realidade educacional sul-mato-grossense.

Outro fator relevante é a xenofobia enfrentada por alunos migrantes nas escolas da região. De acordo com Neves e Conte (2023), o sistema educacional de países como Bolívia e Venezuela apresenta deficiências estruturais e pedagógicas em relação ao Brasil, o que leva muitos estudantes a migrarem em busca de melhores condições. No entanto, ao ingressarem nas escolas brasileiras, esses alunos enfrentam não apenas preconceitos, mas também barreiras comunicacionais, já que são obrigados a se expressar em Língua Portuguesa, mesmo diante da escassez de professores bilíngues (Vernochi, 2022).

A xenofobia foi um dos maiores desafios observados por Alessandra após sua transferência, especialmente diante das queixas recorrentes de bullying por parte da aluna venezuelana, o que exigiu intervenções junto aos demais estudantes para promover o respeito mútuo, princípio fundamental das escolas democráticas (Lück, 2009). Para amenizar o clima de desordem que predominava na escola, foi necessário convocar pais e responsáveis, com o objetivo de discutir questões que iam desde comportamentos indisciplinados até a negligência com higiene pessoal e os episódios recorrentes de preconceito.

Em uma perspectiva mais ampla, entende-se que a educação multicultural ainda carece de diversos requisitos para se consolidar; Mato Grosso do Sul não escapa a isto. Como aponta Isquierdo (2002), a formação social do estado foi historicamente marcada pela presença de migrantes, como libaneses, japoneses e outros ao longo do século XX. Tal reconhecimento, como discutido por Tavares Silva, Leal Ordóñez e Ortiz (2024), deve estar articulado às políticas linguísticas e educacionais que emergem de processos de internacionalização e integração regional, como os propostos pela Rota Bioceânica, valorizando epistemologias do Sul e práticas pedagógicas sensíveis à diversidade cultural latino-americana.

Conclusão

Ainda há muito a ser feito para que a educação pública no Mato Grosso do Sul seja verdadeiramente inclusiva no que diz respeito à diversidade cultural e linguística dos alunos migrantes. O relato de experiência da professora Alessandra evidencia como questões comportamentais, como a indisciplina e a xenofobia, afetam diretamente o processo de aprendizagem desses estudantes. O bullying, além de ser uma prática condenável, compromete a permanência e o engajamento escolar, especialmente entre alunos que já enfrentam barreiras culturais e linguísticas.

No que se refere à formação docente e à organização curricular, torna-se urgente a implementação de políticas que reconheçam e respondam à crescente presença de alunos migrantes nas escolas da rede básica. O acesso à educação, embora garantido legalmente, não se traduz em inclusão efetiva se professores, gestores e instituições não estiverem preparados para lidar com a complexidade de contextos multiculturais e multilíngues. É preciso garantir condições de trabalho, formação continuada e práticas pedagógicas sensíveis à diversidade, para que o direito à educação seja plenamente assegurado a todos.

Referências

- ALBUQUERQUE, Maria Elenir Coelho. **A criança na escola – os sentidos da escolarização para alunos tidos como “problemáticos”**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.
- GOVERNMENT OF BRAZIL. In ten years, the number of new immigrants in Brazil grows by 24.4% 2022. Consulta on-line 01/06/2024, disponível em:

<https://www.gov.br/en/government-of-brazil/latest-news/2022/in-ten-years-the-number-of-new-immigrants-in-brazil-grows-24-4>. 2022.

GOVERNO DO BRASIL (a). Lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017.

<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/component/k2/item/13760-lei-n-13-445-de-24-de-maio-de-2017>. 2017. Acesso em: 30/05/2024.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O Caminhar do ALiB por Mato Grosso do Sul: Uma Parada na Fronteira. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 5, n. 1, p. 317-328, 2002.

LEVITAN, Deborah; ROCHA FURTADO, Janaína; BOUSFIELD, Andréa Barbará S. **Migração em Tempos de Covid-19: Impactos e Estratégias de Enfrentamento**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, e256659, 1-13. 2023. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003256659>.

LÜCK, Heloísa. **As dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MENEZES, Daniela Ibarreche. **Perspectivas docentes sobre estudantes de origem boliviana na rede pública municipal de ensino de Corumbá: desafios educacionais na fronteira Brasil-Bolívia**. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2024.

NEVES, Ana Beatriz de Sá.; CONTE, Cláudia Heloíza. Um olhar fronteiriço: paraguaios e bolivianos nas escolas de Mato Grosso do Sul. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 13, n. 2, p. 289-309, 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). Relatório Mundial sobre Migração de 2024 revela as últimas tendências e desafios mundiais para a mobilidade humana. Consulta on-line 29/05/2024, disponível em: <https://brasil.iom.int/pt-br/news/relatorio-mundial-sobre-migracao-de-2024-revela-ultimas-tendencias-e-desafios-mundiais-para-mobilidade-humana>. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Mudanças climáticas impulsionam migrações e deslocamentos forçados. Consulta on-line 01/06/2024, disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/157286-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas-impulsionam-migra%C3%A7%C3%B5es-e-deslocamentos-for%C3%A7ados>. 2021.

TAVANO, Patrícia Teixeira.; GONÇALVES, Carlos Germano Gomes. Prescrições curriculares fronteiriças: as licenciaturas em foco. **Professare**, v. 12, n. 1, p. e3099-e3099, 2023.

TAVANO, Patrícia Teixeira *et al.* Educar em fronteiras internacionais: demandas e encaminhamentos do sistema público municipal de Corumbá/Mato Grosso do Sul. **Revista Tempo em Mundo**, n. 35, p.119 – 146, 2024.

TAVARES SILVA, Fabiany de Cássia; LEAL ORDÓÑEZ, Linoel de Jesus; ARNALDO ORTIZ, Caroline. Entre políticas para língua, educação e internacionalização do ensino superior na Rota Bioceânica: reflexões e reflexos em multilateralismo. **RELAPAE: Revista Latinoamericana de Políticas y Administración de la Educación**, n. 21, p. 1–18, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9911973>. Acesso em: 24 out. 2025.

VERNOCHI, Alcino Gabriel da Silva. **Xenofobia em ambiente escolar fronteiriço: uma análise de estudo de caso em Corumbá – MS**. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2022.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

Alessandra Alves Ferreira

Professora da Rede Municipal de ensino. Discente do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0000-8080>

Email: alessandraalvesfer@gmail.com

Linoel de Jesus Leal Ordonez

Professor visitante estrangeiro da UFMS. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2706-5923>

Email: linoel.leal@ufms.br

Entre fronteiras e vivências:

mobilidade e sofrimento de migrantes pendulares em Corumbá (MS)

Notas de Pesquisa

Isadora Sigarini de Moraes

Pesquisadora do MIGRAFRON (Brasil)

Marco Aurélio Machado de Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil)

Vanessa Catherina Neumann Figueiredo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil)

Este texto é derivado da dissertação de mestrado intitulada "Migrantes Pendulares e o sofrimento: trajetórias e vivências de trabalhadores informais na fronteira em Corumbá, MS, Brasil" (Moraes, 2023). Fruto de indagações que surgiram a partir da observação do deslocamento de pessoas que atravessam o território fronteiriço para trabalhar, esta pesquisa nos levou a refletir e investigar o movimento pendular muito particular realizado pelos cidadãos bolivianos, de Puerto Quijarro a Corumbá.

Nesta região fronteiriça é presente a migração pendular para o trabalho informal, onde os migrantes diariamente (e as várias vezes ao dia) atravessam o limite dos países e ao longo dos cinco quilômetros da estrada Ramón Gomes que os conecta, viajam em veículos inseguros, carregados de produtos destinados ao comércio, sob riscos de acidentes e abusos por parte das autoridades. Há interação entre a população habitante desta região fronteiriça, onde se misturam

atividades e características de um território e outro (Pêgo *et al.*, 2021). Dessa forma, os movimentos migratórios em regiões fronteiriças correspondem a experiências subjetivas heterogêneas que exigem a necessidade de pensar a fronteira interpretada através da compreensão de seus habitantes (Mezzadra, 2015), já que o espaço fronteiriço abriga uma pluralidade sociocultural nem sempre harmoniosa (Machado *et al.*, 2005).

Assim, nesta pesquisa houve a interação com os trabalhadores, para que fossem ouvidos nas suas realizações e, também, nas suas aflições, tanto por serem migrantes pendulares, como por serem trabalhadores informais. A prática irregular do trabalho está ligada a condições laborais precárias, mistura de práticas legais e ilegais, baixa proteção

A dissertação "Migrantes Pendulares e o sofrimento: trajetórias e vivências de trabalhadores informais na fronteira em Corumbá, MS, Brasil", foi defendida no Programa de Pós Graduação em Estudos Fronteiriços da UFMS no ano de 2023, e pode ser acessada em:

<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6528>

social e falta de garantias, rápida adaptação às oportunidades do mercado, flexibilidade nos processos de trabalho e remuneração instável.

Se pensarmos nas condições de trabalho precárias dos imigrantes no capitalismo atual, elas se manifestam em salários insuficientes e na superexploração com discriminação. A tríade saúde-trabalho-imigração é fundamental para compreender a determinação social e as condições de saúde a partir do princípio da dignidade humana, destacando-se a precariedade laboral à qual o migrante está sendo brutalmente submetido (Silva et al., 2020).

Porém, de acordo com Dejours (2008), o trabalho não deve ser visto apenas como um agente patológico, mas também como um vitalizador da saúde humana, da inclusão social e da estruturação da identidade adulta, dado que as dimensões psicológica, social e econômica constituem a subjetividade, a realização e o desenvolvimento pessoal, sendo também o principal meio de sustento material das pessoas (Matos, 2018). Assim, se por um lado viver na fronteira como imigrante pendular e trabalhador informal pode trazer sustento e reconhecimento, o trabalho inseguro pode acarretar consequências adversas para a vida e a saúde dessas pessoas. A organização do trabalho envolve aspectos pessoais, organizacionais e sociais, quando baseada na lógica neoliberal, conduz à superexploração, sendo que a relação intersubjetiva estabelecida entre o trabalhador e o trabalho poderá acarretar em doenças profissionais. Lhuillier (2006), Martins-Borges (2013) e Pujol e Gutiérrez (2019) apontam problemas de saúde mental em trabalhadores migrantes, como a depressão provocada pela solidão combinada com longas e exaustivas jornadas de trabalho diárias, o silêncio sobre adoecer e o medo de perder o emprego.

Buscando compreender as trajetórias e vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na cidade fronteira de Corumbá, MS, Brasil, foi caracterizado o processo de trabalho informal nos aspectos relativos às condições de trabalho, organização do trabalho, relações socioprofissionais, sentimentos relacionados ao trabalho e estratégia defensiva utilizadas por esses migrantes, em um espaço permeado pela fronteira. Também foram identificados os sinais de sofrimento patogênico nos trabalhadores informais, contribuindo para dar visibilidade a esses indivíduos que estão à margem da formalidade do trabalho e muitas vezes invisíveis ao poder público.

Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa abrangente de abordagem prioritariamente qualitativa, em que os aspectos quantitativos foram apenas descritivos. O estudo teve como etapas a revisão bibliográfica, momento em que foram levantadas algumas categorias como fronteira, migração pendular, trabalho, informalidade e escuta qualificada, ao passo que entrevistas e abordagens realizadas com esses migrantes nos sustentaram na articulação entre a episteme do fenômeno e a realidade vivenciada.

Participaram da investigação 15 migrantes bolivianos que labutavam em um setor da cidade de Corumbá onde existe um conglomerado comercial. Eles responderam a um questionário sociodemográfico e ocupacional (destinado a quantificar jornada de trabalho, idade, comorbidades, número de filhos) e foram convidados a uma entrevista semiestruturada, com a finalidade de se compreender a experiência profissional e possíveis situações que poderiam derivar em sofrimento psicológico no contexto ocupacional

informal em uma zona fronteira. Dos migrantes estudados, nenhum teve sua carteira de trabalho assinada em algum momento de sua trajetória ocupacional no Brasil, o que revela a existência de um grupo altamente vulnerável a diversas formas de superexploração. Ainda assim, todos expressaram um sentimento de orgulho por sua profissão e satisfação com as tarefas realizadas, o que revela que a experiência laboral é dialética, coexistindo experiências de prazer e sofrimento.

Com relação às condições materiais e estruturais, os participantes perceberam seu ambiente de trabalho como inseguro, sufocante e desejavam melhorias e segurança, com maior ventilação. No entanto, a necessidade de trabalhar os faz se adaptar, como pudemos constatar na declaração de um dos participantes, ao nos relatar que *"não tem outra [trabalho], tem que trabalhar"*.

A rotina revelada pelos entrevistados mostrou-se exaustiva, chegando a ultrapassar 60 horas semanais, sem fins de semana nem feriados livres, já que deviam aproveitar as oportunidades de venda nesses dias, quando os demais estão em casa e têm tempo para comprar. Isso implica que dispõem de pouco tempo para se dedicar a outras atividades como o estudo, o lazer, a atividade física ou o tempo com família e amigos, gerando sobrecarga e custos para a saúde física e psíquica.

O trabalho na região fronteira exige que os trabalhadores se levantem ainda de madrugada e cheguem cedo a seus locais de trabalho, já que precisam de tempo para se deslocar até o estabelecimento comercial e desenvolver as demais funções. A maioria dos entrevistados adquire produtos para a venda de empresas brasileiras que facilitam a compra e o pagamento. No entanto, uma dificuldade apontada nos relatos é que as empresas fornecem produtos com prazos de vencimento curtos, às vezes em mau estado de conservação, e não realizam trocas quando solicitado. Muitos já perderam mercadorias em fiscalizações realizadas por policiais brasileiros na fronteira quando ainda traziam produtos da Bolívia para vender, e, raramente, conseguiam recuperar os bens, vendo-se obrigados a trabalhar mais arduamente para compensar as perdas. Assim, este grupo de trabalhadores informais enfrenta constantes prejuízos, seja pelas inspeções policiais ou pela perda de produtos por vencimento e mau estado. Não obstante, também são solidários com os mais necessitados da cidade de Corumbá e doam produtos ainda aptos para o consumo em comunidades carentes.

Todos os membros da família estavam envolvidos nas atividades laborais e tinham obrigações, o que gerava confusão entre os papéis profissionais e afetivos, adicionando mais fatores estressantes e tensões em um ambiente já precário. Apesar disso, saber que tinham apoio, segurança e afeto promovia a saúde física e emocional, pois as relações eram caracterizadas pelo diálogo, proteção e confiança. Embora a maioria dos comerciantes mantivesse boas relações com colegas e vizinhos de loja, uma entrevistada expressou seu descontentamento ao ter que pagar aluguel para montar seu posto na calçada em frente a uma loja.

A figura do migrante pendular, nas políticas de migração, segundo a retórica oficial e o imaginário popular, transformou-se em uma força de trabalho informal destinada à exploração. A linguagem e o espectro da raça continuam sendo utilizados para alimentar

essa construção do "corpo estrangeiro" que, como enfatiza Mezzadra (2015), não é simplesmente uma figura da "exclusão". Segundo a narrativa de um participante, alguns atores já lhe disseram: *'ah, você é boliviana, vem aqui ganhar dinheiro na minha cidade', mas querem que vendamos tudo barato, quase de graça*".

As declarações também ilustram vividamente a fronteira como um lugar de oportunidades, devido à possibilidade de que os residentes da região migrem e obtenham seu sustento em outro país. Oliveira (2019) destaca que a mobilidade pendular, característica desta região, permite aos indivíduos transitar entre as oportunidades econômicas oferecidas pelo país vizinho e a segurança do país de origem. Identificou-se certo temor em verbalizar muitos detalhes sobre seu contexto laboral, especialmente no que se refere ao movimento migratório e à interação com as autoridades brasileiras.

Observamos que a maioria dos participantes desconhecia o significado de ser um trabalhador informal e sublinhamos que as condições de saúde estão diretamente relacionadas com as condições de trabalho. No entanto, os próprios trabalhadores não estabelecem uma relação causal entre o trabalho e o processo de doença. No caso das atividades informais, como as realizadas por esses trabalhadores, os indivíduos enfrentam condições de trabalho precárias, mas os efeitos da precarização em seu contexto laboral são experimentados de maneira banalizada (Dejours, 2008).

Apesar das más condições laborais, a dinâmica de reconhecimento por parte dos clientes permite a realização no âmbito social e gera satisfação pessoal, indispensável para a construção da identidade e essencial para a saúde psíquica do indivíduo. É possível observar que os trabalhadores enfrentam inconscientemente o sofrimento mediante estratégias defensivas, táticas que afastam da consciência os aspectos da organização do trabalho geradores de sofrimento, permitindo, assim, a realização do seu fazer. Nesse sentido, as entrevistas revelaram as estratégias de conformidade, presenteísmo, negação. Segundo a Psicodinâmica do Trabalho, o uso dessas estratégias, ao longo do tempo, é capaz de adoecer e desencadear patologias físicas e/ou emocionais (Facas, 2009), além de não serem táticas eficazes para a transformação do trabalho que faz sofrer.

Conclusões

Nosso texto aborda a migração internacional pendular em fronteira, analisada como uma das mais vívidas expressões da assertiva Lia Osório Machado (2005), na qual o limite pertence ao Estado enquanto a fronteira aos povos que a arranjam destacando os territórios que compõem seus movimentos, articulações e estratégias, foca também na compreensão do trabalho informal realizado por migrantes em Corumbá.

É importante destacar que a conformidade a essa situação de vida e trabalho precários não se dá unicamente pela necessidade objetiva, mas também pela construção de uma subjetividade neoliberal que se adapta às exigências e condições do mundo laboral. Isso pode adquirir uma dimensão patológica que afeta a vida laboral e social dos

trabalhadores. Portanto, ao abordar a migração pendular, tão particular nessa região, e permitir a compreensão de como os trabalhadores informais constroem sua subjetividade, é essencial considerar como as experiências no trabalho influenciam a saúde mental. O trabalho, no contexto da migração, pode ser visto como um mediador para a promoção da saúde mental, ao permitir a edificação da identidade e o sentido de pertencimento no mundo. No entanto, neste estudo prevaleceram as condições precárias e inseguras de vida e trabalho.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de Maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 21 out. 2025.

CHAVES, J. A atuação da Defensoria Pública da União em favor de imigrantes durante a pandemia de Covid-19: um relato de campo. In: BAENINGER, R.; VEDOVATO, L. R.; NANDY, S. (Coords.). **Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. p. 66–78. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/miginternacional.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DEJOURS, C. A. **Novas formas de servidão e de suicídio**. In: MENDES, A. M. (Org.). Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão. Curitiba: Juruá, 2008. p. 26–39.

FACAS, E. P. **Estratégias de mediação do sofrimento no trabalho automatizado – Estudo exploratório com pilotos de trem de metrô do Distrito Federal**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4010/1/2009_EmilioPeresFacas.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

LHULLER, D. **Clinique du travail**. Toulouse: Érès, 2006.

MACHADO, L. O. et al. O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T. C. (Org.). **Território, população e desenvolvimento**. Campo Grande: UFMS, 2005. p. 51–76. Disponível em: <http://www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/2011/07/2005-Desenvolvimento-faixa-de-fronteira-Retis.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MARTINS-BORGES, L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 21, n. 40, p. 151–162, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 out. 2023.

MATOS, D. O impacto do desemprego e a saúde psicossocial. **Psicologia.pt**, v. 3, n. 2, p. 1–14, 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1165.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MEZZADRA, S. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 23, n. 44, p. 11–30, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/rGrHpRZ4QGG5GsHgRd7zwHw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023.

MORAES, I.S. **Migrantes pendulares e o sofrimento: trajetórias e vivências de trabalhadores informais na fronteira em Corumbá, MS, Brasil**. 2023. 120 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6528>. Acesso em: 12 mai. 2025.

PÊGO, B. et al. (Org.). **Fronteiras do Brasil: referências para a formulação de políticas públicas**. v. 6. Brasília, DF: Ipea, 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/210602_livro_frenteira_do_brasil_vol_6.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.

PUJOL, A.; GUTIÉRREZ, M. I. Enfoque clínico de las relaciones entre salud y trabajo: contribuciones y desafíos. **Laboreal**, v. 15, n. 2, p. 1–16, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/15506>. Acesso em: 13 mai. 2025.

SILVA, L. N.; BARRETO, F.; BARRETO, T. M. Saúde e migração em Roraima: rede social migratória e impactos psicossociais na vida do migrante venezuelano enquanto trabalhador informal. **Saúde em Redes**, v. 6, n. 3, p. 207–221, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020v6n3p207-221>. Acesso em 21 out. 2024.

Isadora Sigarini de Moraes

Médica graduada na Unitepc-PQ, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e pesquisadora no Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais e no Laboratório de Saúde Mental do Trabalhador na mesma Instituição.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7976-2635>

Email: isadora.sigarini@ufms.br

Marco Aurélio Machado de Oliveira

Professor Titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços e pesquisador no Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais, na mesma Instituição.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3749-6030>

Email: marco.oliveira@ufms.br

Vanessa Catherina Neumann Figueiredo

Professora Titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, em Psicologia e em Educação - Educação

Social, bem como pesquisadora responsável pelo Laboratório de Saúde Mental do Trabalhador, na mesma Instituição.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0062-9234>

Email: vanessa.figueiredo@ufms.br

Apoios e suporte financeiro a investigação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/MEC). Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pelo apoio financeiro (TO 131/2022).

Infâncias migrantes e refugiadas:

acolher com arte e educação

Indicação de Leitura

Luciana Hartmann

Universidade de Brasília / Rede Infâncias Protagonistas (Brasil)

Izabella Mendonça Formiga do Nascimento

Universidade de Brasília / Rede Infâncias Protagonistas (Brasil)

O que pensam, falam, sonham e desejam as crianças migrantes? Como cantam, dançam, pintam, brincam, imaginam seus mundos e outros mundos possíveis? Que histórias elas contam — e quem ouve suas histórias? Como nós, adultas, podemos contribuir para o processo de acolhimento dessas crianças e garantir que seus direitos fundamentais sejam respeitados?

Como essas perguntas inicia-se a apresentação do livro *Infâncias Migrantes e Refugiadas: acolher com arte e educação*, organizado pelas pesquisadoras Luciana Hartmann (UnB), Gilka Girardello (UFSC), Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM), Viviane Beineke (UDESC) e Rocío del Pilar Bravo Shuña (Conselho Federal de Psicologia). A coletânea reúne 26 capítulos resultantes de pesquisas, experiências docentes na Educação Básica, ações artísticas e colaborações multidisciplinares realizadas por membros da Rede Infâncias Protagonistas: Migração, Arte e Educação com crianças e jovens imigrantes e refugiadas no Brasil, em Portugal, na Colômbia e em Moçambique.

Criada em 2022, a partir da aprovação do projeto “Infâncias Protagonistas: uma proposta colaborativa de criação de políticas públicas para a integração de crianças imigrantes e refugiadas em escolas brasileiras”, financiado na Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 40/2022 PRÓ-HUMANIDADES, a *Rede Infâncias Protagonistas* vem se dedicando a promover intercâmbios entre crianças e jovens migrantes e refugiados, professoras da educação básica e superior, gestoras públicas e profissionais de instituições de acolhimento, com o objetivo de refletir sobre boas práticas de acolhimento e colaborar na proposição de políticas públicas para essa parcela tão importante da população migrante que chega ao nosso país.

O livro *Infâncias Migrantes e Refugiadas: acolher com arte e educação*, foi publicado pela Editora Pimenta Cultural. A obra impressa está disponível para compra online e o ebook pode ser baixado gratuitamente pelo site da editora:

<https://www.pimentacultural.com/livro/infancias-migrantes-refugiadas/>

Em alinhamento ao princípio da Rede, de valorização das vozes, opiniões e demandas das crianças e jovens, o livro é aberto com o relato de Manuelys Quiaragua, uma jovem refugiada venezuelana que foi bolsista de iniciação científica (PIBITI Júnior) do Projeto Infâncias Protagonistas entre 2022 e 2023, quando estava no Ensino Médio. No texto, intitulado “Pasito a Pasito” (expressão usada pela mãe de Manuelys durante a travessia para o Brasil, enquanto animava a difícil caminhada dos três filhos pequenos pelas *trochas*, as trilhas no meio da mata), ela conta: “*O que diferenciava Brasil da Venezuela nessa parte da trocha era uma árvore e uma casa. Era assim: a metade da casa era Brasil e a outra metade da casa era Venezuela. Para vir da Venezuela para cá é rápido, mas como nós viemos de carona em carona ficou muito, muito longe... Foram como três meses, uma eternidade...*”

A partir dessa introdução, a coletânea é dividida em três seções que visam demonstrar as diversas perspectivas pelas quais o acolhimento de crianças e jovens migrantes e refugiadas tem sido praticado, pensado e vivido pela Rede.

A primeira, “*Infâncias Migrantes e Refugiadas I: Travessias, Contextos, Histórias & Memórias*”, reúne oito capítulos que traçam um panorama de fluxos migratórios contemporâneos, vivências de pessoas migrantes e perspectivas históricas. Este segmento apresenta experiências de acolhimento institucional, estudos com dados quantitativos sobre o fluxo migratório, dimensões históricas e subjetivas relacionadas às vivências de jovens que migraram da Itália, do Peru e do Haiti. Um elemento que encerra o eixo, mas

Conheça mais sobre a **Rede Infâncias Protagonistas** através dos links abaixo:

<https://www.infanciasprotagonistasunb.com.br/>

<https://www.instagram.com/infanciasprotagonistas/>

aparece transversalmente nos outros estudos, é a escola, enquanto lugar de potencialidades, de experimentações e de respeito às narrativas culturais presentes nos corpos das infâncias migrantes.

A segunda seção, “*Infâncias Migrantes e Refugiadas II: Escola, Linguagens Artísticas e Outros Mundos Possíveis*”, reúne onze capítulos que direcionam o olhar para as práticas pedagógicas mediadas pelas artes em contextos de ensino e acolhimento. Ao cruzar América do Sul, África e Europa os capítulos detalham processos de co-criação que emergiram de parcerias entre escolas públicas do Brasil e de Portugal, ações com crianças venezuelanas em abrigos da Operação Acolhida, em Roraima, além de intervenções em Cabo Delgado (Moçambique), São Paulo e em zonas fronteiriças na Colômbia.

Presentes nessa multiplicidade de cenários, as linguagens artísticas revelam-se fundamentais na criação de vínculos e na construção de espaços de convivência intercultural, seja através da música, do teatro, das artes visuais, da capoeira ou audiovisual. A experiência estética e a escuta sensível permitem que crianças e jovens ressignifiquem seus cotidianos, abrindo caminho para a invenção de outras formas de encontro e expressão.

A terceira seção, *“Infâncias Migrantes e Refugiadas III: Literatura, Tradução e Contação de Histórias”*, reúne sete capítulos focados nas linguagens narrativas como caminhos de integração e pertencimento. Os textos exploram a literatura infantil, a mediação de leitura e a tradução como formas de acolhimento sensível, voltadas ao reconhecimento e à valorização da identidade de quem chega.

Ao discutir experiências com crianças haitianas e venezuelanas em cidades como Boa Vista, Manaus, Florianópolis e Goiânia, as e os autores mostram como a partilha de histórias e a "palavra cantada" constroem sentidos comuns entre sujeitos de diferentes origens. Essa seção aborda também a tradução de contos e a contação de histórias como práticas mediadoras que, além de aproximarem culturas, fortalecem o vínculo escolar e sensibilizam a formação docente. Tais relatos reforçam que a valorização das línguas maternas e do repertório imaginário constitui um exercício de hospitalidade linguística. Esta prática busca promover o sentimento de pertença e reconhece as crianças como sujeitos produtores de conhecimento e cultura.

A história traduzida por Gilka Girardello em seu capítulo, contada por “uma sábia professora de crianças, Vivian Gussin Paley”, ajuda a iluminar as muitas outras histórias de crianças trazidas no livro e a necessidade de nós, adultas, estarmos realmente atentas para escutá-las:

Uma vez um menino de 3 anos, chamado Frederico, em uma de minhas turmas, me disse que a história que ele queria contar tinha uma palavra só: *Frederico*.
 - Mas o que você faz na história? - perguntei.
 - Nada - ele disse.
 - Quem sabe você poderia ir à escola?
 - Não.
 - Só "Frederico"? E eu perguntei às outras crianças sobre a história do Frederico: "Tem alguma coisa diferente na história dele?".
 - É que ele é o Frederico - disse a Laura, uma menina de 4 anos.
 - Mas vocês viram que a história tem uma palavra só? - eu insisti.
 Foi aí que o João, de 5 anos, me explicou:
 - Não é uma palavra. É uma pessoa.
 Claro, uma pessoa é uma história. Todo mundo na sala já tinha entendido, eu é que demorei um pouco mais (Paley, 2005, p. 50, em tradução de Gilka Girardello).

Uma pessoa é uma história. Uma pessoa-criança migrante já é/já tem sua história. Com a reunião de 26 textos-histórias, a obra procura fortalecer o debate, a criação artística e o diálogo **sobre** e, fundamentalmente, **com** as crianças e jovens migrantes e refugiados.

Luciana Hartmann

Professora titular do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGCEN) da Universidade de Brasília. É graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem Mestrado e Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou pesquisas de pós-doutorado na Université Paris Ouest Nanterre (2014-2015), na Universidade de Lisboa (2019-2020) e na Université Paul Valéry – Montpellier (2025), compartilhando histórias com crianças imigrantes. É coordenadora da Rede Infâncias

Protagonistas: migração, arte e educação, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e mãe de duas jovens mulheres.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1203-5027>

E-mail: lucianahartmann@unb.br

Izabella Mendonça Formiga do Nascimento

Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Atuou como bolsista de apoio técnico do projeto “Infâncias protagonistas: uma proposta colaborativa de criação de políticas públicas para a integração de crianças imigrantes e refugiadas em escolas brasileiras” de 2022 a 2025. Atualmente presta apoio técnico voluntário nas ações de divulgação científica da “Rede Infâncias Protagonistas: migração, arte e educação”.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4772-7672>

E-mail: belmfnascimento@gmail.com

Migração na literatura para a infância:

narrativas do deslocamento em *Um Lençol de Infinitos Fios*

Indicação de Leitura

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A migração é uma das experiências estruturantes da contemporaneidade. Milhões de pessoas atravessam fronteiras todos os anos em busca de trabalho, segurança ou melhores condições de vida. Esses deslocamentos não são apenas geográficos; implicam transformações identitárias, negociações culturais e reconfigurações simbólicas. Migrar significa atravessar idiomas e hábitos. Significa reconstruir vínculos em territórios desconhecidos. Como analisa Aníbal Quijano (2005), as sociedades latino-americanas permanecem atravessadas pela colonialidade do poder, que organiza hierarquias raciais e culturais. Nesse contexto, determinados grupos migrantes enfrentam processos de marginalização que vão além da adaptação territorial, alcançando o campo do reconhecimento social.

Quando essa experiência envolve crianças e adolescentes, as implicações tornam-se ainda mais complexas. A infância migrante demanda adaptação escolar, aprendizado linguístico, reconstrução de amizades e enfrentamento de preconceitos. A escola surge como espaço decisivo nesse processo, pois pode atuar tanto como lugar de acolhimento quanto de exclusão. É nesse cenário que a literatura pode contribuir, embora não substitua políticas públicas estruturais, ela atua no campo simbólico, oferecendo narrativas que humanizam sujeitos frequentemente reduzidos a estatísticas. Ao oferecer narrativas que tematizam deslocamentos, identidades múltiplas e experiências de migração, os livros funcionam como pontes entre o passado e o presente da criança migrante. A leitura permite que ela se reconheça em personagens que atravessam desafios semelhantes, ao mesmo tempo em que oferece aos demais estudantes a possibilidade de compreender o outro de maneira empática.

A **ACNUR** (Agência da ONU para Refugiados) registra que até junho de 2025, mais de 117,3 milhões de pessoas no mundo sofreram com o deslocamento forçado. Mais informações podem ser obtidas na página da ACNUR, em:

<https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>

As infâncias migrantes exigem atenção específica, pois o deslocamento territorial incide diretamente sobre processos de socialização, aprendizagem e construção identitária em curso. Crianças que atravessam fronteiras não apenas acompanham decisões familiares; elas reinterpretam, negociam e recriam suas experiências em novos contextos culturais. Como argumenta Corsaro (2011), as crianças são atores sociais competentes,

que produzem cultura e participam ativamente da organização de seus mundos sociais. Assim, no contexto migratório, não são meras vítimas passivas do deslocamento, mas sujeitos que elaboram estratégias de pertencimento, constroem redes de amizade e reelaboram identidades em diálogo com a escola, a família e a comunidade de acolhida.

Quando uma criança migrante chega a um novo país, o acolhimento não pode limitar-se à regularização documental ou à matrícula escolar. O primeiro gesto necessário é o reconhecimento de sua história, de sua língua e de sua memória cultural, práticas que valorizem a diversidade cultural e reconheçam a criança como sujeito de direitos e de saberes.

A escuta atenta constitui ponto de partida fundamental. Permitir que a criança fale sobre sua trajetória, que compartilhe experiências e que veja sua cultura representada no ambiente escolar contribui para reduzir sentimentos de isolamento. O acolhimento implica também reconhecer que o processo de adaptação pode envolver insegurança, saudade e conflitos identitários. Nessa fase, a mediação cultural desempenha papel decisivo.

A literatura tem a capacidade de deslocar o leitor de seu lugar habitual e colocá-

O livro *Um lençol de infinitos fios*, escrito por Susana Ramos Ventura, da Editora Gaivota, tem primeira edição em 2019, e conta com 88 páginas no formato brochura. Mais informações podem ser obtidas no site da Editora Gaivota:

<https://www.editorabiruta.com.br/products/um-lencol-de-infinitos-fios>

lo diante de outras experiências humanas. Ela aproxima realidades distantes e, ao mesmo tempo, permite que observemos o mundo com certo distanciamento crítico. Há livros que apresentam histórias; há livros que informam; e há aqueles que produzem deslocamentos éticos e afetivos. *Um lençol de infinitos fios*, de Susana Ramos Ventura, insere-se nessa última categoria. Trata-se de uma obra que articula literatura, migração e solidariedade de maneira consistente, oferecendo ao leitor uma narrativa

sensível sobre identidade, pertencimento e convivência intercultural.

Antônio Candido (1995) afirma que a literatura constitui um direito humano fundamental, pois integra o processo de humanização. Para o autor, a fruição literária responde à necessidade de fabulação inerente à condição humana, ampliando a sensibilidade e a capacidade de compreensão do outro. A literatura organiza emoções, complexifica percepções e contribui para a formação ética. No campo da literatura infantojuvenil, Colomer (2007) destaca que a leitura literária fornece modelos interpretativos do mundo, permitindo que crianças e jovens elaborem conflitos sociais e construam repertórios culturais. Quando a literatura aborda migração e diversidade, oferece instrumentos simbólicos para compreender a alteridade de forma crítica e sensível.

É nesse horizonte que se situa *Um lençol de infinitos fios*. Publicado pela Editora Gaivota e finalista do Prêmio Jabuti em 2020, na categoria juvenil, o livro apresenta histórias cruzadas de adolescentes que vivem na cidade de São Paulo. A narrativa acompanha Maria, jovem boliviana que sonha tornar-se escritora, e Ludmi, haitiana que chega ao Brasil em busca do pai. Ao lado de amigos de diferentes origens, as personagens constroem vínculos enquanto realizam um trabalho escolar sobre a América Latina.

A autora Susana Ramos Ventura possui trajetória consolidada no campo da literatura infantil e juvenil, articulando produção literária, pesquisa acadêmica e atuação institucional. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), é escritora, tradutora, pesquisadora e professora, o que confere à sua obra densidade teórica aliada à sensibilidade narrativa. Sua formação acadêmica dialoga diretamente com sua produção literária, evidenciando um compromisso consistente com a qualidade estética e com a reflexão cultural.

Ventura ocupa também posição de destaque no cenário literário brasileiro como presidente da AEILIJ, Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil, entidade que atua na valorização e na defesa da produção literária voltada à infância e à juventude. Sua atuação institucional reforça o caráter formativo e político de sua trajetória, ampliando sua contribuição para além da escrita. Em obras como *Kantuta Tricolor e outras histórias da Bolívia*, livro o qual me aproximou da escrita da Susana, e as percepções de seu interesse pela valorização de culturas latino-americanas e representação respeitosa de sujeitos migrantes.

Um lençol de infinitos fios, é um texto que articula experiência migratória, identidade e solidariedade por meio de uma narrativa sensível e cuidadosamente construída. Mais do que contar a história de adolescentes vivendo em São Paulo, o livro constrói uma reflexão literária sobre pertencimento, memória e convivência intercultural. A força da obra reside na maneira como apresenta deslocamentos humanos a partir de vozes juvenis, conferindo centralidade às experiências de crianças e jovens migrantes.

A narrativa acompanha Maria, adolescente boliviana que vive na capital paulista com sua família. Desde as primeiras páginas, o leitor percebe que Maria não é apenas personagem, mas narradora parcial da história, registrando em seu caderno pensamentos e acontecimentos. Em determinado momento, ela afirma algo próximo de “*um dia vou escrever histórias que ajudem as pessoas a entender o mundo*”, revelando que sua escrita funciona como tentativa de organizar o próprio deslocamento cultural. O caderno torna-se espaço simbólico de elaboração identitária. Ao escrever, Maria reinscreve sua experiência de migração em linguagem, transformando vivência em narrativa.

A chegada de Ludmi, jovem haitiana que está no Brasil à procura do pai, amplia a dimensão migratória da obra. Ludmi escreve em seu diário sobre a travessia, sobre a incerteza e sobre a esperança. Em um trecho, ela menciona sentir-se “*como quem carrega a casa dentro de si*”, frase que sintetiza a condição do migrante: deslocado territorialmente, mas atravessado por memórias que não se desfazem. Ao permitir que Ludmi narre sua própria história, a obra evita que a experiência migratória seja mediada exclusivamente pelo olhar externo. A personagem assume sua voz, seu tempo e sua subjetividade.

A estrutura narrativa alterna registros pessoais e momentos conduzidos por um narrador que organiza os acontecimentos. Essa alternância cria uma tessitura que dialoga diretamente com o título do livro, como metáfora da sociedade composta por múltiplas histórias individuais que, entrelaçadas, formam um tecido comum. O lençol sugere abrigo e cuidado; os fios, diversidade e interdependência. A metáfora reaparece ao longo da narrativa como imagem de solidariedade: ninguém constrói sua trajetória isoladamente.

O trabalho escolar sobre a América Latina atua como dispositivo narrativo que impulsiona o enredo. Ao pesquisarem o continente, Maria e seus amigos confrontam suas próprias histórias familiares. A América Latina deixa de ser conceito geográfico e torna-se experiência vivida. O livro sugere que conhecer o continente implica conhecer seus deslocamentos, suas fronteiras e suas misturas culturais. A pesquisa transforma-se em descoberta de si mesmos.

A ambientação em São Paulo reforça o caráter intercultural da narrativa. A cidade aparece como espaço de fluxos migratórios e encontros culturais. As bibliotecas Mário de Andrade e Monteiro Lobato não são meros cenários, mas territórios simbólicos de acolhimento e circulação de conhecimento. A escolha desses espaços indica que o acesso à cultura e à leitura pode funcionar como ponte entre experiências distintas. A biblioteca é lugar de silêncio, mas também de diálogo.

Ao tratar da experiência migratória, a obra evita tanto o dramatismo excessivo quanto a idealização. Ludmi enfrenta dificuldades, sente saudade, experimenta insegurança. No entanto, sua trajetória não é apresentada como tragédia permanente. Há tensão, mas há também construção de vínculos. Essa abordagem equilibrada impede que a personagem seja reduzida à condição de vítima.

A representação da amizade constitui eixo central da narrativa. Os jovens aprendem uns com os outros, ampliam perspectivas e reconhecem diferenças. Em determinado momento, Maria observa que “cada um traz uma história diferente, mas a gente estuda junto, ri junto, aprende junto”. A frase sintetiza a proposta da obra: a convivência intercultural não apaga diferenças; constrói aprendizagem coletiva.

Nesse sentido, a narrativa dialoga com a concepção de literatura defendida por Andruetto, que compreende a literatura como espaço de complexidade e não de simplificação moral. Para Andruetto (2009), a literatura para crianças e jovens não deve oferecer respostas prontas, mas abrir perguntas, tensionar sentidos e permitir que o leitor construa seu próprio percurso interpretativo.

Essa abertura se manifesta na maneira como as personagens vivenciam a migração sem serem reduzidas a estereótipos. Maria não é “a estrangeira”; é adolescente que escreve, observa, ri e questiona. Ludmi não é apenas “a refugiada”; é jovem que carrega memórias, expectativas e fragilidades. A narrativa evita enquadramentos simplificadores e confia na inteligência do leitor.

Andruetto afirma que *“a literatura não é necessariamente um lugar onde encontrar o igual, mas uma possibilidade de encontro com o diferente”* (2009, p. 47). Essa afirmação ilumina a leitura da obra de Susana Ventura. Ao apresentar personagens de diferentes origens culturais convivendo em São Paulo, o livro não busca homogeneizar experiências, mas evidenciar a coexistência de diferenças. A alteridade não é apagada; é reconhecida.

A presença de personagens bolivianos e haitianos no centro da narrativa rompe com a invisibilização recorrente dessas comunidades na literatura juvenil brasileira. No Brasil, a presença boliviana é numerosa, especialmente em grandes centros urbanos como São Paulo. Contudo, essa presença ultrapassa as fronteiras territoriais, alcançando

dimensões culturais e simbólicas. Ao representar jovens bolivianos e haitianos como protagonistas, a obra amplia o horizonte de pertencimento e legitima experiências frequentemente marginalizadas.

Ao final da leitura, permanece a percepção de que as histórias narradas ultrapassam o espaço ficcional. A experiência de Maria e Ludmi dialoga com realidades vividas por milhares de crianças e adolescentes em contextos migratórios. A literatura, ao dar forma narrativa a essas experiências, contribui para que deixem de ser invisíveis.

Indicar *Um lençol de infinitos fios* significa reconhecer a importância de narrativas que ampliam horizontes culturais e fortalecem a formação ética. A obra demonstra que é possível tratar de temas complexos com delicadeza literária, sem perder densidade. Ao entrelaçar histórias juvenis com deslocamentos latino-americanos e caribenhos, o livro reafirma que somos constituídos por múltiplos fios, memórias, línguas, afetos e travessias.

A literatura não resolve as tensões estruturais da migração, mas transforma percepções. Ao permitir que o leitor acompanhe a construção de vínculos entre jovens de diferentes origens, a obra reafirma que a convivência intercultural é possível quando baseada em escuta e respeito. Nesse sentido, *Um lençol de infinitos fios* cumpre dupla função: oferece experiência estética significativa e contribui para a formação de leitores capazes de reconhecer a pluralidade como elemento constitutivo da sociedade contemporânea.

A migração, na narrativa de Susana Ventura, não aparece como assunto; aparece como condição estrutural da experiência contemporânea. O deslocamento não é apenas territorial, é epistêmico, linguístico e afetivo. E é justamente na linguagem que essa condição encontra sua elaboração.

Se retomarmos a ideia de que a literatura não é lugar de confirmação, mas de deslocamento, perceberemos que esta obra cumpre exatamente essa função: desloca o leitor de sua zona confortável e o coloca diante da alteridade não como abstração, mas como presença concreta. O outro não é conceito; é colega de sala, é amigo de biblioteca, é voz que escreve.

Em um cenário global marcado por políticas de endurecimento de fronteiras e narrativas que criminalizam o deslocamento humano, a literatura de Susana Ventura afirma outra possibilidade de imaginação social. Não se trata de idealização da migração, mas de reconhecimento de sua densidade humana. A obra reinscreve a infância migrante no centro da narrativa, recusando sua marginalização simbólica.

A potência da obra reside precisamente em sua recusa ao didatismo. Ao invés de instruir, provoca. Ao invés de fechar sentidos, abre camadas. Ao invés de explicar o mundo, apresenta-o em sua tessitura complexa. E é nessa tessitura que o leitor é convocado a reconhecer-se como fio entre outros fios.

Assim, indicar *Um lençol de infinitos fios* é afirmar que a literatura infantojuvenil pode, e deve, ocupar lugar de densidade estética e reflexão crítica. A obra demonstra que narrativas destinadas a jovens leitores não precisam simplificar o mundo para torná-lo

compreensível. Podem, ao contrário, oferecer instrumentos simbólicos para habitá-lo em sua pluralidade. Se a literatura é, como já se afirmou, espaço de humanização, então esta obra reafirma que humanizar implica reconhecer a complexidade do outro. E, nesse reconhecimento, talvez esteja a possibilidade de tecer um tecido social menos excludente e mais consciente de seus próprios fios.

Referências

- ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2009.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169–191.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107–130.
- VENTURA, Susana. **Um lençol de infinitos fios**. São Paulo: Gaivota, 2019.

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

Pós-doutoranda em Fronteiras Andinas pela Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales da Universidad Nacional de Jujuy (UNJu – Argentina), em colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços da UFMS. Doutora em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGEDu). Mestra em Estudos Fronteiriços pela mesma instituição e graduada em Pedagogia. Professora na Educação Básica e pesquisadora do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (MIGRAFRON).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2333-7856>

Email: tarissamarques@gmail.com

Para os autores

Normas de Publicação

Este Boletim aceita contribuições em Português, Espanhol e Inglês para todas as suas sessões através de convite aos autores efetivado pelos Editores, Editores Convidados ou pelos membros do Conselho Editorial.

Todas as contribuições devem ser enquadradas em alguma das sessões:

1. Debates e Conjunturas: espaço para a discussão análises políticas e conjunturais de temas atuais articulados às questões migratórias em fronteira
2. Nota de Pesquisa: espaço para a comunicação de pesquisas em andamento, de proposições metodológicas e epistemológicas sobre as temáticas que envolvem a fronteira e a migração
3. Falares Migrantes: espaço para relatos e comunicações sobre a experiência migratória e fronteiriça, na voz e palavra do próprio migrante
4. Indicação de Leitura: espaço para a divulgação de publicações de relevância para o campo de estudos da fronteira e migrações
5. Sessão Livre: espaço para divulgação de eventos, notícias e ações dos membros do **MIGRAFRON**, seus parceiros e convidados.

Cada sessão publicará de 2 a 5 contribuições por número.

Os textos devem conter de 1200 a 2000 palavras, com fonte Arial Nova Light 11, espaçamento de linha simples, espaço de parágrafo 6pt antes e 6pt depois, recuo de parágrafo de 1,5, todas as margens de 3 cm. Para o texto, pede-se o alinhamento justificado, para as referências pede-se o alinhamento à esquerda.

As contribuições em Inglês e Espanhol não serão traduzidas para Português pelos editores. É facultado ao autor o envio de seu texto em mais de uma língua para publicação duplicada no mesmo número.

Todos os arquivos devem ser encaminhados em Word, indicando autoria (com formação, filiação institucional, ORCID e e-mail de contato) e sessão na qual será publicado. Em caso de gráficos e quadros, estes devem ser inseridos como elementos editáveis no arquivo e não como imagem. Pede-se o envio dos links ativados.

Citações devem utilizar a entrada autor/data e as referências devem utilizar uma das seguintes normas: ABNT; Vancouver ou Chicago.

As contribuições devem ser enviadas para o email: migrafron.cpan@ufms.br.



MIGRAFRON

OBSERVATÓRIO FRONTEIRIÇO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

UFMS/CPAN - R. Domingos Sahib, 99 - Corumbá-MS - Sala B09

site: <https://migrafron.ufms.br>

Email: migrafron.cpan@ufms.br

Canal: <https://www.youtube.com/@migrafron>

Instagram: @migrafron